



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

- Relatório de Estágio Profissional -

A minha perseverança na descoberta de novos caminhos e da excelência

Relatório de Estágio Profissional apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, com vista à obtenção do 2º ciclo de Estudos, conducente ao grau em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro e o Decreto-Lei n.º 79/2014 de 14 de maio).

Orientadora de Estágio: Professora Doutora Paula Silva

Diana Filipa Moutinho Queirós

Porto, setembro 2017

Ficha de Catalogação

Queirós, D. (2017). *A minha perseverança na descoberta de novos caminhos e da excelência*. Porto: D. Queirós. Relatório de estágio profissional para a obtenção do grau de mestre em ensino de Educação Física no ensino básico e secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: ESTÁGIO PROFISSIONAL; PROFESSOR; EDUCAÇÃO FÍSICA; 2º CICLO.

Dedicatória

À minha família e amigos pelo imprescindível apoio, sem vocês esta concretização de um sonho não teria sido possível...

MUITÍSSIMO GRATA

Agradecimentos

Ao percorrer este longo caminho da educação não posso deixar de agradecer e demonstrar todos aqueles que estiverem presentes neste percurso e me ajudaram a ser uma melhor profissional.

Ao professor cooperante Eduardo Rodrigues pela amizade e profissionalismo demonstrada ao longo do estágio profissional e pelos conselhos que me permitiram desvendar a profissão docente de forma autónoma.

À professora orientadora Doutora Paula Silva, quero agradecer não só a sua boa disposição e proximidade afetiva que teve comigo, mas também agradecer a sua orientação, os sábios conselhos e a partilha de experiências.

Aos meus amigos, em especial à Cátia Rocha e ao Daniel Barbosa, sem estes a minha vida profissional teria sido mais difícil. Vocês foram imprescindíveis nesta etapa da minha vida, e espero que a nossa amizade perdure.

Aos meus colegas dos dois núcleos de estágio, pela paciência, pelas brincadeiras que animaram o nosso estágio, pelos diversos momentos inesquecíveis, mas sobretudo por me terem ajudado a ser uma melhor profissional. Em particular à Juliana Monteiro e ao Vasco Mendes, por ser uma ótima ouvinte e conselheira, mas principalmente por se terem tornado grandes amigos meus.

A toda a comunidade educativa da Escola Secundária de Ermesinde, pela forma como me acolheram, fazendo-me sentir uma verdadeira professora.

E finalmente aos meus pais pelo amor incondicional e pela educação transmitida. Por tudo o que sacrificaram para que pudesse usufruir da melhor formação possível. Sem vocês eu não estaria a finalizar esta etapa importante da minha vida.

Muito obrigado a todos.

Índice Geral

Agradecimentos	III
Índice de Figuras	VII
Índice de Anexos	IX
Resumo	XI
Abstract	XIII
Lista de Abreviaturas.....	XV
1- Introdução.....	1
2- ENQUADRAMENTO PESSOAL	3
2.1. O meu percurso: O que fui e o que sou	3
2.2. Expetativas em relação ao Estágio	5
3- ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL.....	7
3.1. Enquadramento legal do estágio profissional	7
3.2. Enquadramento Institucional do estágio profissional	8
3.2.1. Escola como instituição	8
3.2.2. Escola Secundária de Ermesinde	10
3.3. Enquadramento Funcional do estágio profissional.....	12
3.3.1. A minha relação com o grupo de Educação Física.....	12
3.3.2. Caracterização do núcleo de Estágio – Women’s World	13
3.3.3. Caracterização da turma residente – Um novo desafio	14
4- REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL.....	19
4.1. Um caminho repleto de descobertas – A minha experiência prática.....	20
4.2. Conceção do Ensino e da Aprendizagem	25
4.3. Planeamento	27
4.3.1. Planeamento Anual.....	27
4.3.2. Modelo Estrutura do Conhecimento e Unidade Didática	30
4.3.3. Plano de Aula	32
4.4 Modelos de Ensino.....	35
4.5. Aprender a observar e a refletir.....	39
4.6. Avaliação	42
4.7 – Participação na escola e relação com a comunidade	46
4.7.1. Direção de Turma	46
4.7.2. Atividades realizadas pelo núcleo de estágio	48
4.7.3. Atividades realizadas “individualmente”	54

5- DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL.....	57
5.1 - As dimensões da didática na lecionação de aulas de Educação Física ao 2º Ciclo.....	57
5.1.1 - Resumo	57
5.1.2 – Introdução.....	57
5.1.3 - Metodologia	61
5.1.4 - Apresentação e discussão dos resultados.....	63
5.1.5 – Limitações do Estudo.....	71
5.1.6 – Considerações finais.....	71
6- Conclusões e perspectivas futuras.....	73
7- Referências Bibliográficas	75
8- Anexos.....	XVII

Índice de Figuras

Figura 1 – Tempo (em anos) de lecionação de EF ao 2º ciclo dos professores competentes	63
Figura 2 – Valores percentuais relativos à experiência dos PE com crianças da faixa etária dos alunos do 2º ciclo do EB	64
Figura 3 – Dimensões da didática consideradas mais relevante pelos Professores competentes	64
Figura 4 – Frequência das dimensões da didática consideradas mais relevante pelos PE	67

Índice de Anexos

Anexo I – Cartaz Torneio de Duplas do GiraVolei.....	XVII
Anexo II – Cartaz do Evento Dia Z	XVIII
Anexo III – Guião da entrevista realizada aos professores competentes	XIX
Anexo IV – Guião da entrevista realizada aos PE.....	XXI

Resumo

O presente relatório de estágio surge no âmbito da unidade curricular – Estágio Profissional, inserida no segundo ano de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. O Estágio Profissional é o espaço que me permitiu pôr em prática tudo o que aprendi ao longo destes anos de formação profissional. Este documento tem como principal objetivo descrever e refletir sobre o meu percurso neste ano letivo (dúvidas, dificuldades, inseguranças, estratégias, experiências), na lecionação da disciplina de Educação Física, a uma turma do 12º ano e a outra do 5º ano, na Escola Secundária de Ermesinde. Este documento está estruturado em seis capítulos. O primeiro, referente à parte da “Introdução” está relacionado com os principais objetivos do Estágio Profissional. O “Enquadramento Pessoal”, no segundo capítulo, aborda o meu percurso pessoal, académico, desportivo e aquelas que foram as minhas expectativas relativamente ao Estágio Profissional. Na parte da prática profissional, descrevo o Estágio Profissional num contexto legal, institucional e funcional, a caracterização das minhas turmas (residente e partilhada), a caracterização da Escola Secundária de Ermesinde e também do núcleo que me acompanhou ao longo deste período. O quarto capítulo é uma reflexão e descrição detalhada da realização de toda a minha prática profissional, abordando as seguintes áreas de desempenho: (1) a organização e gestão do ensino e da aprendizagem, (2) a participação na escola e (3) a relação com a comunidade. No quinto capítulo apresento, de forma cuidada e reflexiva, o meu estudo de investigação. Por último, são referidas no sexto capítulo as minhas conclusões acerca do trabalho concebido e as minhas perspetivas para o futuro. Sem dúvida, que este caminho que realizei ao longo deste ano letivo tornou-se essencial não só na minha formação profissional mas também na formação pessoal.

Palavras-chave: ESTÁGIO PROFISSIONAL; PROFESSOR; EDUCAÇÃO FÍSICA; 2º CICLO.

Abstract

This internship report is a result conducted by a curricular unit – Professional Internship - inserted on the second year of the Master's Degree in Physical Education on Junior and High Schools. The Professional Internship is a space that allowed me to put the knowledge acquired during my years of education into reality. This document has as main objective to describe and reflect my journey during this school year (doubts, difficulties, insecurities, strategies, experiences), while teaching Physical Education to students of a 12h and a 5th grade on Ermesinde High School. This report is structured by 6 chapters. The first one has the “Introduction” section which is related to the main objectives from the Professional Internship. The “Personal Views”, second chapter, approaches my personal, academic and sportive journey and disclosure my expectations regarding the Professional Internship. For the professional practice part, chapter number three, there's a description of the Professional Internship on a legal, institutional and functional context, a characterization of my classes (resident and shared), a portrayal of Ermesinde High School and core that kept me company through this period. For the forth, it's made a reflection and detailed description of all my professional practice, approaching the following performance areas: teaching organization and management, learning and participation in school and community relationship. On the fifth chapter is, elaborated with a careful and introspective view, my case study. Lastly, on the final and sixth chapter, there's the conclusions regarding the work done and my expectations for the future. Without doubt, the path I've walked along this school year became essential not only to my professional qualification but also for my personal gain, magnifying my own professional development.

Keywords: PROFESSIONAL INTERNSHIP; TEACHER; PHYSICAL EDUCATION; JUNIOR YEAR

Lista de Abreviaturas

EF - Educação Física

EP - Estágio Profissional

MED - Modelo de Educação Desportiva

MID - Modelo de Instrução Direta

ESE - Escola Secundária de Ermesinde

NE - Núcleo de Estágio

PC - Professor Cooperante

RE - Relatório de Estágio

PE - Professor(a) Estagiário(a)

UD - Unidade Didática

PA - Plano de Aula

1- Introdução

Este relatório está inserido no âmbito do Estágio Profissional (EP), da unidade curricular do 2º Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e tem como objetivo descrever todo o meu trabalho e as experiências sobre as quais considero importante partilhar a minha reflexão, enquanto professora estagiária (PE), na Escola Secundária de Ermesinde (ESE).

O RE relata, analisa e reflete as minhas experiências na componente mais importante na formação inicial de professores, o EP. Segundo Batista & Queirós (2013, p.33), “a prática de ensino oferece aos futuros professores a oportunidade de imergirem na cultura escolar e nas suas mais diversas componentes, desde as suas normas e valores, aos hábitos, costumes e práticas, que comprometem o sentir, o pensar e o agir de uma comunidade específica”. O RE representa o culminar deste período de formação inicial em que vivenciei experiências e sensações. Pretendo aqui retratar as aprendizagens, as dúvidas, as concretizações e dificuldades que emergiram ao longo deste ano letivo.

De acordo com as normas orientadoras, o EP tem como objetivo “*a formação do professor profissional, promotor de um ensino de qualidade. Um professor reflexivo que analisa, reflete e sabe justificar o que faz em consonância com os critérios do profissionalismo docente e o conjunto das funções docentes entre as quais sobressaem funções letivas, de organização e gestão, investigativas e de cooperação*” (p.3). Os PE devem ser capazes de perceber as situações com que se estão a deparar e usar os seus conhecimentos práticos e teóricos, analisando e refletindo sobre as suas ações pedagógicas, pois novamente nas palavras de Batista & Queirós “*durante o Estágio Profissional, o estudante-estagiário tem a oportunidade de transformar os seus conhecimentos, no sentido de os adequar às exigências contextuais e concretas da prática.*” (p. 44).

A formação inicial deve, entre outras finalidades, preparar os futuros professores para o mundo profissional que vão abraçar. Tudo aquilo que aprendi ao longo dos anos, todos os conhecimentos didáticos e pedagógicos só

adquirem valor quando confrontados com a prática (os alunos, a turma, a escola). Um professor poder ter o melhor e mais vasto conhecimento teórico e não ser capaz de aplicá-lo no contexto real. Nesta perspetiva, cada professor deve encontrar o seu caminho, a sua forma própria de ensinar.

Este RE apresenta a seguinte estrutura: o “Enquadramento Pessoal”, no segundo capítulo, aborda o meu percurso pessoal, académico, desportivo e aquelas que foram as minhas expetativas relativamente ao EP. Na parte da prática profissional, descrevo o EP num contexto legal, institucional e funcional, a caracterização das minhas turmas (residente e partilhada), a caracterização da ESE e também do núcleo que me acompanhou ao longo deste período. O quarto é uma reflexão e descrição detalhada da realização de toda a minha prática profissional, abordando três áreas de desempenho: organização e gestão do ensino e da aprendizagem, a participação na escola e a relação com a comunidade. No quinto capítulo apresento, de forma cuidada e reflexiva, o meu estudo de investigação que faz parte do desenvolvimento profissional. Por último, são referidas no sexto capítulo as minhas conclusões acerca do trabalho concebido e as minhas perspetivas para o futuro.

A escola é uma instituição cada vez mais complexa, sendo que os professores devem aprofundar melhor os seus conhecimentos pedagógicos mas também as suas competências para melhorar o ensino. Para conseguirmos realizar a nossa atividade profissional de uma forma decente e eficaz, auxiliamo-nos de uma bagagem de conhecimentos que nos permitem preparar e organizar o nosso processo de ensino. Nos dias de hoje o professor é forçado a ter múltiplas competências para aplicar em contexto real os seus conhecimentos e exercer a sua profissão de uma forma eficaz.

Face ao exposto, parece ser evidente o papel da formação inicial de professores. Contudo, ser professor é uma tarefa que exige não só o gosto pela profissão, mas também competências didático-pedagógicas para sermos bons profissionais. Ao longo deste documento, transmito e reflito sobre a minha perseverança de alcançar o desejo de ser professora, evidenciando o caminho que percorri para atingir os objetivos definidos.

2- ENQUADRAMENTO PESSOAL

2.1. O meu percurso: O que fui e o que sou

Antes de mais gostaria de começar por transmitir os motivos que me trouxeram até aqui, esclarecendo o meu percurso de vida e as minhas vivências desportivas.

Nasci a 21 de setembro de 1994, na cidade de Paredes. Vivo, desde então, em Rebordosa no concelho de Paredes.

É desde muito cedo que o desporto começa a fazer parte da minha vida. Toda a minha vida foi conciliada com a prática desportiva, o que mais tarde passou a fazer parte das minhas pretensões profissionais. Mas como surgiu a paixão e o gosto de ser professora? Esta foi uma questão que foi respondida alguns anos depois, em que a minha paixão pelo desporto uniu-se à minha paixão pelo ensino. Dizem que o apoio da família é essencial e não podia estar mais de acordo. Tenho uma família que me apoiou em todas as minhas decisões e esteve sempre presente nos momentos mais importantes da minha vida. Uma das pessoas mais importantes, o meu irmão, sempre foi o meu exemplo. Ele é Professor de Educação Física e desde muito jovem que o “seguia” para todo o lado. Adorava ouvi-lo a contar as histórias da faculdade, vê-lo fazer desporto com os amigos e por isso o Desporto, direta ou indiretamente, sempre esteve presente na minha infância.

As minhas vivências desportivas, desde muito jovem, que foram tanto no contexto escolar como no contexto pessoal. Sempre frequentei uma escola com ótimas condições, o que me permitiu desfrutar da melhor forma as demais experiências no contexto escolar. Com apenas 6 anos, com vontade e gosto de praticar uma modalidade desportiva, decidi que queria praticar natação. Iniciei as aulas e fiquei completamente rendida à modalidade. Treinei, competi e vivenciei experiências inesquecíveis. No entanto, passados 3 anos, tomei a decisão de desistir, por vontade própria, porque já não estava com a mesma vontade e entusiasmo. Começou, novamente, a minha procura por uma modalidade que fosse cativante. Será que iria encontrar uma modalidade com que me identificasse? Passei pela dança e adorei a experiência, mas não era o que procurava. Queria algo mais competitivo. É então, aos 9 anos, que me é

apresentado o Ténis e foi paixão à primeira vista. Esta foi uma experiência deveras enriquecedora, que marcou a minha vida. Aqui começou o meu percurso enquanto atleta federada cheguei a conquistar títulos regionais, passado alguns anos federei-me e entrei neste mundo que tanto sonhei. Pratiquei esta modalidade até aos 19 anos e durante aquele tempo vivi experiências e momentos que nunca irei esquecer pois, de certa forma, contribuíram para a minha formação pessoal e desportiva. Sem dúvida, que foi durante estes períodos de tempo que despertei o gosto e interesse por uma futura profissão ligada ao desporto. Foi no 10º ano que escolhi frequentar o curso de Ciências e Tecnologias e, posteriormente decidi prosseguir como profissão o Desporto. Mas ainda não tinha certezas absolutas do que futuramente iria fazer. Sempre gostei de muitas áreas do desporto (ginásios, treino desportivo, escolas...) e, por isso, estava confusa no que pretendia fazer.

É então, através dos meus sonhos, das minhas pretensões, das minhas vivências, que no ano de 2012, apesar de não ter conseguido entrar na FADEUP, me candidatei à licenciatura em Atividade Física, Saúde e Desporto no Instituto Universitário de Ciências da Saúde. Durante este período aprendi imenso e usufruí de um leque variado de disciplinas e conhecimentos que contribuíram para a minha formação enquanto profissional do Desporto. É neste momento que começo a trabalhar na área que tanto gosto. Trabalho desde aí, em Férias Desportivas com crianças desde os 6 aos 15 anos. Esta experiência foi bastante gratificante e enriquecedora, além de ter aprendido imenso também adquiri a experiência do trabalho com crianças. Foi aí que o ensino me despertou interesse. Em 2015, após o término da licenciatura, candidatei-me à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ingressando no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. No primeiro ano deste curso tive contacto com a escola, com os alunos, e com o ensino escolar. Foi aqui, que desenvolvi as primeiras tarefas práticas enquanto professora (realizar planos de aulas mediante a turma, lecionar as aulas e avaliar os alunos). Tudo o que presenciei e desenvolvi nesse ano é uma amostra do que tive que realizar no EP.

2.2. Expectativas em relação ao Estágio

“Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. O registo das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação. São estas rotinas que fazem avançar a profissão”

(Nóvoa, s/d).

Neste capítulo, apresento as expectativas relativas ao EP realizado na ESE. O EP foi um momento determinante na minha formação enquanto professora, pois permitiu-me desenvolver, entre outras, competências de planeamento, realização e avaliação do ensino, tendo como base os conhecimentos adquiridos ao longo da minha formação académica. Foi o momento de incorporar uma realidade escolar, exercendo um olhar investigativo, visando a formação do profissional reflexivo, crítico e capaz de elaborar e desenvolver propostas de ação.

Iniciei o EP com o intuito de melhorar/conhecer as minhas competências como professora e esperava ter oportunidade de desenvolver tudo aquilo que aprendi nestes anos, tendo que ser capaz de conceber uma relação/comunicação não só com os meus alunos, mas também com a comunidade envolvente. Para que o EP se desenvolvesse de forma enriquecedora, esperava conseguir desenvolver uma relação de partilha e transmissão de conhecimentos e experiências com o núcleo de estágio (NE), o grupo de educação física (aprender com profissionais mais experientes), o professor cooperante (PC) e a professora orientadora. Tanto o PC como a professora orientadora foram bastante importantes no meu processo de PE, no entanto, foi com o PC que interagi de forma mais direta e sistemática.

Relativamente a toda comunidade escolar, as minhas expectativas eram que fosse bem integrada, de atualizar e aprofundar o meu conhecimento sobre a escola em questão. Integrei o NE com a perspetiva de colaborar de forma dedicada nas tarefas exigidas e na resolução de problemas e desafios, desenvolver competências essenciais ao trabalho em grupo e partilhar

experiências e aprendizagens. Esperava também que os professores me ajudassem a observar, analisar e refletir sobre o meu ensino, de forma a melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

No que diz respeito aos alunos, esperava conseguir estabelecer uma boa relação/comunicação, fomentando as suas capacidades e promovendo o seu desenvolvimento. Inicialmente, as minhas expectativas centravam-se em ensinar as matérias aos meus alunos, mas rapidamente percebi que não basta ensinar as matérias mais pertinentes e utilizar os métodos de ensino mais adequados. O mais importante era cativar os meus alunos para a aula, ou seja, para as tarefas que lhes colocava. A motivação que se consegue despertar nos alunos e o clima de aprendizagem revelaram-se, no contexto das minhas vivências, essenciais para o sucesso das aprendizagens dos alunos.

Como referi, as minhas expectativas eram bastante elevadas e esperava, por isso, no EP conseguir atingir os meus objetivos. Deparei-me, obviamente, com vários desafios complicados e esperava conseguir ultrapassá-los da melhor forma. Conseguir superar, não só as dificuldades que me seriam apresentadas, mas superar-me, era o que mais queria deste ano de estágio. Este processo de formação, tinha de ser encarado como um processo de desenvolvimento de competências não só profissionais, mas também pessoais.

3- ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

3.1. Enquadramento legal do estágio profissional

“O estágio profissional é uma unidade curricular que pretende dotar e capacitar o futuro professor de Educação Física de ferramentas que o auxiliam a desenvolver uma competência baseada na experiência refletida e com significado.”

(Batista & Queirós, 2013)

O enquadramento legal do EP considera os princípios decorrentes das orientações legais constantes do Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro e o Decreto-Lei n.º 79/2014 de 14 de maio.

O EP é uma unidade curricular do segundo ciclo de estudos conducente à obtenção do grau de mestre em ensino de educação física nos ensinos básico e secundário, que incorpora duas componentes: a prática de ensino supervisionada e o relatório de estágio. Focando-me nos documentos estruturantes concernentes ao EP, este enuncia que a prática de ensino supervisionada *“visa a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão”*¹ (p. 3). As normas orientadoras do EP operacionalizam o Regulamento do EP. A prática de ensino supervisionada, componente do EP, contempla 3 áreas: Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem que abrange tarefas de planeamento, realização e avaliação do processo de ensino, a Participação na Escola e Relação com a comunidade que engloba todas as atividades realizadas com o intuito de conhecer e integrar a comunidade escolar e o Desenvolvimento profissional que tem como objetivo desenvolver as competências profissionais do estudante. Deste modo a prática supervisionada tem como principal objetivo conseguirmos integrar no contexto da escola.

¹ Artigo 4º do Regulamento da unidade curricular Estágio Profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FADEUP.

A prática de ensino supervisionada enuncia-se como um projeto de formação que *“tem como objetivo a formação do professor profissional, promotor de um ensino de qualidade. Um professor reflexivo que analisa, reflete e sabe justificar o que faz em consonância com os critérios do profissionalismo docente e o conjunto das funções docentes entre as quais sobressaem funções letivas, de organização e gestão, investigativas e de cooperação”*² (p. 3). O intuito é formar professores com um ensino de qualidade, que consigam perceber as situações da realidade e refletir. Tendo em consideração tudo o que a literatura entende sobre o EP, é chegado o momento de refletir sobre o meu entendimento. Foi através do EP que iniciei a minha formação profissional, sendo que todas as atividades e tarefas foram observadas como ferramentas essenciais para a minha formação enquanto futura professora de EF. O registo das práticas, a reflexão sobre os trabalhos e o exercício da avaliação foram elementos importantes para o meu aperfeiçoamento e inovação.

Do ponto de vista da competência profissional, segundo as normas orientadoras esta *“assenta no desenvolvimento de competências pedagógicas, didáticas e científicas, associadas a um desempenho profissional crítico e reflexivo que se apoia igualmente numa ética profissional em que se destaca a capacidade para o trabalho em equipa, o sentido de responsabilidade, a assiduidade, a pontualidade, a apresentação e a conduta adequadas na Escola.”*² (p.2).

3.2. Enquadramento Institucional do estágio profissional

3.2.1. Escola como instituição

A escola assume-se como uma entidade que questiona e reflete criticamente sobre o seu significado e de tudo o que ela representa *“escola entendida como espaço de reflexão, não somente espaço físico. Reflexão que envolve todos os membros da humanidade, de modo particular os pais, filhos e profissionais da educação”* (Gelati, 2009). A escola cumpre funções explícitas (educar, socializar,

² Normas Orientadoras do Estágio Profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FADEUP, 2016-2017.

ensinar, ...) e contribui para a formação pessoal, social, cultural e física de todas as crianças e jovens, independentemente das suas desigualdades para que todos possam desfrutar de uma educação enriquecedora. Para aprimorar este conceito é importante perceber o que a literatura aborda sobre este tema, *“Portanto, a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular (...) escola não só transmite cultura erudita, mas transforma o espontâneo em refinado e elaborado”* (Gelati cit. por Saviani, 2009). Não podemos encarar a escola como um convívio entre pessoas, mas sim como um espaço de trabalho, de um trabalho que colabora com o processo de humanização.

As crianças e jovens acedem e captam todos os saberes transmitidos nestas instituições formando-se cidadãos aptos para viver em sociedade. As escolas são constituídas pela sua própria identidade, ou seja, pelos atores envolventes da comunidade escolar e pelo meio em que a escola se insere, tendo por isso uma cultura interna e externa.

Difícilmente se encontra entre as demais instituições atuais um espaço tão intenso de produção cultural, de interação social e de trocas simbólicas como o contexto escolar. *“Enquanto agência de mediação de diferentes racionalidades culturais, a escola assemelha-se metaforicamente a um entreposto cultural, a um espaço de cruzamento de culturas, de metamorfoses quotidianas de poder e de conflito, de relações diferenciadas entre atores escolares e educativos que se confrontam permanentemente no espaço e tempo escolar”* (Torres, 2004). Tendo tudo isto em consideração, a escola assume o conceito de dinamismo institucional ilustrado pela rotatividade de um número considerável de professores e pela permanência limitada dos alunos nos anos específicos de escolaridade, transformando a escola *“num laboratório de sínteses culturais, um entreposto cultural (...)”* (Torres, 2004, p.17).

A escola está dividida em três grandes áreas, sendo elas: a estrutura física, que diz respeito aos recursos materiais, à dimensão da escola, ao número de turmas e alunos, a estrutura administrativa que consiste nos órgãos de gestão, direção, controlo, o pessoal docente e não docente, e por último a estrutura social, que diz respeito à relação entre os alunos, professores e funcionários, à

responsabilização e participação dos pais, à cultura organizacional da escola e ao clima social.

Em forma de conclusão, nas palavras de Nóvoa (1992, p. 30), “*O território da formação e habitado por atores individuais e coletivos, constituindo uma construção humana e social, na qual os diferentes intervenientes possuem margens de autonomia na condução dos seus projetos próprios.*”

3.2.2. Escola Secundária de Ermesinde

A minha “viagem” pela escola e pelo ensino, enquanto docente, iniciou-se, com o EP, na Escola Secundária de Ermesinde (ESE), pertencente ao Agrupamento de Escolas de Ermesinde. A ESE fica situada na Rua Praceta Dom António Ferreira Gomes.

O contexto real de escola onde realizei o meu EP inclui o 2º e 3.º ciclo do ensino básico e o ensino secundário. O Agrupamento é constituído por 5 escolas, sendo elas: a EB1/JI da bela, a EB1/JI da Gandra, a EB1/JI de Sampaio, a EB2/3 D. António Ferreira Gomes e a ESE. O diretor é o Dr. Álvaro Pereira e a Subdiretora é a Ana Maria Cortez. Neste ano letivo estiveram no agrupamento 214 docentes, sendo que 181 docentes incluem o 2º e 3º ciclo do ensino básico e o ensino secundário e constitui um total de 113 turmas abrangendo 2553 alunos.

A ESE foi a minha primeira opção na candidatura para realizar o EP, no entanto, não conhecia nada sobre esta escola e sobre o local de estágio. Tomei esta decisão baseando-me nas escolas que ficariam mais perto da minha residência e por isso optei por esta escola.

No que diz respeito à estrutura física da Escola, esta possuía dois espaços reservados à disciplina de EF, nomeadamente, o espaço exterior e um pavilhão gimnodesportivo. De um modo geral as estruturas encontravam-se em condições razoáveis, no entanto, o espaço exterior apresentava graves falhas, principalmente na modalidade de Atletismo porque as linhas da pista de atletismo não estavam visíveis, a caixa de areia para realizar o salto em comprimento não estava em boas condições e o próprio espaço não apresentava condições favoráveis para lecionar aulas (continha lixo no chão).

O pavilhão desportivo era composto por um campo polivalente, que podia ser subdividido em três zonas (caso estivessem a ser lecionadas três aulas em simultâneo), uma pequena bancada, dois balneários (um para cada sexo), uma sala de arrumos de materiais e um gabinete dos professores de EF. Para além do campo polivalente, o pavilhão possuía ainda um pequeno espaço com o material necessário para a leção das aulas de EF. No que concerne à quantidade e à qualidade do material para as aulas, a escola apresentava também algumas falhas não sendo esta questão um entrave à boa leção das aulas.

A estrutura administrativa era composta por 1 diretor (Álvaro Pereira), 1 subdiretora (Ana Maria Cortez) e 3 adjuntos (Bruno Reimão, Conceição Sousa e Isabel Fernandes). No que concerne ao agrupamento de escolas, cada o estabelecimento possuía o seu próprio coordenador, sendo eles: EB1/JI DA BELA - Natália Pinheiro, EB1/JI DA GANDRA - Glória Queiroga, EB1/JI DE SAMPAIO - Pedro Peredo, EB2/3 DAFG - Júlia Portela. O corpo docente presente neste ano letivo 2016/2017 era constituído por 9 educadores do pré-escolar, 24 professores do 1º ciclo e 181 professores do 2º e 3º ciclo e ensino secundário. Por último, é importante referir que a escola era representada por assistentes operacionais, estando 49 presentes no quadro do agrupamento. No entanto, a câmara municipal de Valongo disponibilizou 5 assistentes operacionais e 6 eram contratados pela própria escola.

Relativamente à estrutura social, desde os funcionários da escola, aos professores e ao diretor, todos me receberam com simpatia e agrado, me fazendo sentir parte integrante da escola. Neste ano letivo, encontravam-se seis PE a realizar o EP na ESE e fiquei deveras satisfeita com a relação existente entre todos. É de salientar que apenas conhecia alguns dos meus colegas de estágio, mas criamos uma boa ligação e um bom ambiente. No entanto, é normal haver ligações mais fortes com alguns estagiários e sempre que podíamos apoiávamo-nos uns aos outros, ajudando e refletindo sobre o nosso trabalho. O PC acompanhava e orientava a nossa prática pedagógica. A presença dele foi fundamental para nos guiar e ajudar a refletir sobre a nossa prática. A professora orientadora revelou-se uma pessoa muito disponível e exigente que nos ajudou, também, a sermos aplicados e reflexivos. Fiquei bastante satisfeita não só com a Escola de estágio, que apesar de não ter as

melhores condições físicas apresentava uma comunidade envolvente bastante acolhedora e prestativa.

3.3. Enquadramento Funcional do estágio profissional

3.3.1. A minha relação com o grupo de Educação Física

Para Batista & Queirós (2013, p. 43) *“os novos conhecimentos e competências que os estudantes adquirem ao longo do tempo devem ser trazidos para o debate, enriquecendo-o e tornando-o mais consistente”*. Só através destas trocas de opiniões e ideias é que conseguimos evoluir no processo de ensino-aprendizagem e integrar na comunidade escolar. Como afirma Reina (2013, p.87), *“considero também importante a escola e o grupo de educação física onde os estagiários se desenvolvem..., o ano de estágio é um ano que vai marcar para sempre os futuros professores de educação física. Se a experiência for positiva, isso vai influenciar a sua atitude perante o ensino de educação física e também da profissão de professor (para sempre).”*

O grupo de EF era composto por treze professores de EF de três ciclos de ensino diferentes: 2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário. Neste ano letivo, a ESE integrou dois núcleos de estágio da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, o núcleo I constituídos por 3 professoras estagiárias e o núcleo II constituído por 3 professores estagiários. Relativamente às relações intergrupais, o grupo de docentes de EF da escola destaca-se pela sua boa disposição, simpatia e estiveram sempre predispostos a ajudar-nos no que fosse necessário. Desde o início do ano letivo que a minha integração foi simples e rápida, tendo criado ligações com alguns professores que não irei esquecer. A forma como me receberam e aceitaram neste grupo foi gratificante e, sem dúvida, que me senti confortável neste contexto escolar. Nas reuniões do grupo de EF da escola, foi-nos dada a liberdade para expressar as nossas opiniões e ideias acerca dos temas a debater. Segundo Nóvoa (1992, p. 26) *“A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando. O diálogo entre professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional.”*

No que diz respeito à lecionação de aulas por parte dos professores da ESE era evidente que alguns professores não satisfaziam as minhas ideias enquanto profissionais, ou seja, tínhamos atitudes diferentes na nossa profissão. Contudo, esta foi uma comunidade escolar bastante acolhedora e prestativa e sem dúvida que marcou a minha atitude perante a comunidade.

3.3.2. Caracterização do núcleo de Estágio – Women’s World

O meu núcleo de estágio era inteiramente constituído por raparigas, sendo que apenas conhecia uma delas do primeiro ano de mestrado. Desde o primeiro momento que nos encontramos, percebi que ia ser um bom NE pois mostraram-se sempre disponíveis para trabalhar em conjunto. No entanto, ao longo do tempo fui criando uma ligação mais forte com uma das estagiárias (Juliana Monteiro) e que fez com que trabalhássemos juntas, trocando ideias, opiniões e documentos. O facto de ambas termos turmas do 12º ano também fez com que nos juntássemos ainda mais, pois tínhamos características e documentos semelhantes (MEC’s, planeamento anual, UD) e apenas os tínhamos que adaptar à turma em questão.

Relativamente à professora orientadora foi, sem dúvida, uma pessoa que me proporcionou um acompanhamento de competência. Apesar de ser um acompanhamento mais ausente, a professora dedicava o seu tempo para perceber o meu processo de estágio e estava sempre disponível para esclarecer as minhas dúvidas e para marcar as reuniões que eu pretendia. Quanto ao professor cooperante, mostrou-se sempre presente e disponível para nos ajudar. Para Rodrigues (2013), *“se nos centramos apenas nas funções que os caracterizam, com facilidade percebemos de que estamos a falar, ..., de uma ação de acompanhamento, orientação e supervisão de atividades práticas ao nível da docência, de alunos que, na continuidade dos conhecimentos teóricos que adquiriram, têm agora que os testar, experimentar e utilizar na prática a fim de aprenderem como funcionam em contexto real”*. (p. 91). Para mim foi bastante importante o professor me dar liberdade para escolher o que achava mais adequado abordar na minha turma residente, pois assim consegui fazer o meu próprio caminho e procurar novas estratégias para os problemas encontrados. O PC esteve sempre do meu lado a apoiar, a respeitar as minhas decisões e a

elogiar o meu esforço. O acompanhamento e as intervenções do PC fizeram com que desenvolvesse o meu conhecimento e a minha forma de refletir sobre a prática. O meu NE passava algum tempo junto, reuníamos todas as semanas para relatar os acontecimentos das aulas, observávamos aulas das colegas de estágio e do PC e também falávamos sobre a relação com a comunidade escolar e sobre temas importantes para a nossa prática profissional. É de salientar, a forma como o PC transmitia as suas opiniões, demonstrando o seu entusiasmo e empenho por esta profissão.

3.3.3. Caracterização da turma residente – Um novo desafio

A turma que lecionei aulas neste ano letivo era do 12º ano, do curso de Artes Visuais. Esta turma era constituída por 14 discentes, dos quais 5 rapazes e 9 raparigas. A escolha das turmas ficou ao critério das PE, que decidimos de forma simples e organizada. Optamos por escolher as turmas pelos seus horários, sendo que como as minhas colegas de estágio tinham residência perto da escola acabaram por ficar com horários ao primeiro tempo da manhã.

A reunião inicial com o PC foi fundamental para perceber que tipo de alunos iria encontrar nesta turma. As informações apontavam para alunos muito simpáticos, mas que não gostavam da disciplina de EF. Mesmo depois destas informações sobre os alunos, tentei que o primeiro contacto com eles fosse o mais autêntico possível. No primeiro contacto que tive com esta turma apliquei um questionário para conhecer e caracterizar os discentes. Relativamente ao percurso desportivo, 79% dos discentes não pratica nenhum desporto o que evidencia a sua inatividade a este nível. Por esta razão, percebi que tinha que desafiá-los e conseguir incutir algum gosto pelo desporto. Referiram que as suas modalidades preferidas eram Badminton, Voleibol, Ginástica e Dança. Por último, no que diz respeito ao nível do historial médico, 5 discentes apresentavam problemas visuais e 1 apresentava problemas de pele, o que não afetou a performance nas aulas.

Apesar de ser uma turma pequena, colocou-me vários desafios e problemas, mas também alegrias. Os discentes da minha turma do ensino secundário apresentavam uma atitude de desagrado pela disciplina de EF, principalmente os rapazes. Foi notório ao longo do ano letivo a falta de gosto

pela disciplina, evidenciando as justificações que os alunos apresentavam para não realizar as aulas e o comportamento que apresentavam no decorrer das aulas. No início do ano letivo, sentia-me muito receosa e preocupada ao lecionar as aulas porque os planos de aulas que concebia tinham que ser modificados no próprio momento de aula devido à ausência da maioria dos alunos. Enquanto professora estas situações deixavam-me desanimada pois não podia concretizar os objetivos dos exercícios que tinha planeado. Mas nem todos da turma eram assim. Tive alguns discentes que senti que evoluíram não só nas habilidades motoras, mas também no pensamento e no gosto que tinham pela disciplina de EF. Foram estas alunas que me motivavam a não perder o desânimo pelas aulas do 12º ano e a continuar a procurar estratégias para motivar os alunos para as aulas. Em articulação com a teoria, Sanches (2014) afirma que *“Quando se pensa em motivação na escola, devemos considerar o ambiente escolar, as tarefas e atividades proporcionadas na escola, métodos de ensino e avaliação, dentre outras. (...) esse papel estimulador do professor é decisivo para que o aluno se sinta motivado. Ele deve criar condições de desenvolver a criatividade dos alunos, proporcionando-lhes uma aprendizagem significativa, deve discutir as regras do jogo, promover atividades que façam com que os alunos sintam prazer em participar das aulas e que valorizem a disciplina em questão.”* No entanto, a motivação não é vista de igual forma, pois todos temos interesses diferentes.

Em conclusão, sinto que a melhor parte de lecionar aulas a esta turma foi de conseguir observar a evolução dos alunos e de perceber as mudanças de atitude face à disciplina de EF. Senti que consegui criar uma boa relação de cumplicidade e que fez com que as aulas ao longo dos períodos fossem concretizadas sem problemas.

3.3.4. Caracterização da turma partilhada – Os pequenos rebeldes

O NE ficou responsável pela partilha de uma turma do 2º ciclo, do 5º ano. Primeiramente, o NE reuniu-se para escolher entre as modalidades a lecionar o que cada uma iria lecionar ao longo deste ano letivo, pois decidimos que cada estagiária ficaria responsável por lecionar uma modalidade diferente em cada período. No início de cada período os discentes ficavam a conhecer que

modalidades iriam ser lecionadas e também quem era a professora responsável por cada modalidade, assim todos os assuntos, problemas e dúvidas que tinham sobre as aulas dessa modalidade só dizia respeito a uma professora. Sem dúvida, que esta estratégia foi muito vantajosa para controlarmos o processo de ensino-aprendizagem dos discentes do 2º ciclo. É óbvio que poderíamos ter optado por outras estratégias e que poderiam ter resultado na perfeição. No entanto, decidimos que cada estagiária tinha a sua responsabilidade e que caso não estivesse a resultar optaríamos por outras estratégias. Felizmente, tudo se desenrolou conforme planeado. É de salientar que o PC deu-nos liberdade para tomarmos as decisões que considerávamos mais importantes e vantajosas.

Relativamente à turma, era constituída por vinte e oito discentes, dos quais dezasseis rapazes e doze raparigas. No primeiro contacto que tivemos com esta turma aplicamos um questionário para conhecer e caracterizar os discentes. Relativamente ao desporto, 100% dos discentes gosta de praticar desporto, no entanto, apenas 68% o pratica com regularidade. Como desporto preferido, 43% escolheu futebol e 23% a Dança. A maioria dos alunos era saudável e sem qualquer tipo de doenças, no entanto quatro alunos tinham problemas de saúde, doenças de pele, joelho e costas.

Apesar dos discentes serem bastante simpáticos, eles apresentavam pouca noção de organização, pouca disciplina e alguns faziam questão de desafiar quem estava no comando. Ao deparar-me com estas situações, constatei que a maneira que eu estava a lecionar as minhas aulas do 2º ciclo não era a mais eficaz e poderia estar a prejudicar o sucesso das aprendizagens dos alunos. Desde início que percebi que estas aulas iriam ser um grande desafio para mim e coube-me enquanto PE, saber lidar com os problemas e tentar encontrar novas soluções e estratégias.

Em primeiro lugar, a questão da organização da aula foi um dos problemas mais evidentes na minha ação pedagógica no ensino básico. A leção dos conteúdos ficava refém da organização e das rotinas que eu desenvolvia nas aulas de EF. A turma era muito impaciente e não sabiam ter um comportamento adequado no espaço de aula e como eu, inicialmente, criava exercícios em que os alunos tinham que realizar muitas movimentações eles perdiam-se pelo espaço de aula, não compreendiam nada dos exercícios, não os realizavam de forma correta e, por vezes, ainda perturbavam a performance

dos seus colegas. O meu stresse nestes momentos era elevadíssimo. Não poderia estar a evoluir nas habilidades motoras, sem antes eles saberem organizar-se.

Em segundo lugar, a questão da disciplina foi outro fator crucial nas minhas aulas de EF. Nas primeiras aulas observei que esta turma era muito indisciplinada, na medida em que não ficavam no mesmo sítio de trabalho, estavam constantemente na conversa, chateavam-se imensas vezes com os colegas e desrespeitavam-nos no espaço de aula. Para além de criar rotinas e estratégias de disciplina, como um quadro do bom comportamento, também tentei criar exercícios mais simples e de fáceis deslocações por parte dos discentes para não criar problemas no funcionamento das aulas.

“Estes alunos não têm um comportamento adequado e por isso perde-se muito tempo a organizá-los e a chamá-los à atenção. É bastante complicado lecionar sozinha estas aulas, não só devido ao elevado número de alunos, mas também ao comportamento e às atitudes que eles apresentam.” (Reflexão do Diário de Bordo)

Sinto que desenvolvi um bom trabalho com esta turma e que criei uma grande ligação com eles. Obviamente, que ao lecionar a dois ciclos de ensino verifiquei grandes diferenças, principalmente ao nível das questões de organização e do comportamento. Ao longo deste ano letivo, senti mais dificuldades na lecionação ao 2º ciclo porque apesar de estar habituada a lidar com crianças não estava habituada a este contexto de escola, o contexto real. Fico com a ideia de que estes alunos sentem que a EF é um espaço de recreio e que podem fazer tudo aquilo que querem. Eles começam sem rotinas nenhuma, sem regras, sem a perceção do que é correto ou não fazer e por isso é fundamental estar atenta aos seus comportamentos. Estes “pequenos rebeldes” tornaram-se num grande desafio, que me obrigaram a encontrar soluções para conseguir superar as minhas dificuldades e desenvolver a minha formação enquanto professora.

4- REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

O professor necessita, cada vez mais, de uma multiplicidade de competências pedagógicas que lhe permitam desempenhar no contexto real de escola uma atividade profissional eficaz e adequada, mas também permitir promover a aprendizagem dos alunos. Para Mesquita & Graça (2011, p.39), *“os professores ou treinadores mais eficazes se diferenciam porquanto atuam segundo o pressuposto de que o propósito de ensino é promover a aprendizagem dos praticantes, ao acreditarem que estes conseguem aprender, e ao assumirem que a sua grande responsabilidade é ajudá-los a aprender”*. O EP permitiu-me, por em prática os conhecimentos que adquiri ao longo da minha formação profissional e aplicá-los de acordo com as minhas ideias e opiniões. Proporcionou-me novos desafios e situações que me fizeram aprender consoante as necessidades do contexto real da escola.

Neste ano letivo, o receio de não conseguir corresponder às expetativas previamente definidas e de não me conseguir inserir neste mundo profissional era assustador. No entanto, à medida que o tempo foi passando a confiança foi-se fortalecendo e novos sentimentos desenvolvendo. Penso que estas sensações são normais, uma vez que só com a experiência é que vamos conseguindo lidar com as situações. Neste sentido Graça & Mesquita (2011) referem que *“o EP é a etapa da formação de professores, que se traduz no primeiro contato com a realidade profissional, sob a forma de experiências práticas que lhe possibilitam o desenvolvimento de potencialidades, para que possa crescer profissionalmente, ao longo da sua carreira.”*

Assim, este capítulo tem como principal objetivo relatar o meu desenvolvimento profissional ao longo do EP, evidenciando uma reflexão detalhada sobre os procedimentos pedagógicos em que me envolvi. Este relato terá em consideração todas as atividades realizadas, as dificuldades sentidas ao longo do ano letivos e as estratégias utilizadas para atingir os objetivos previamente definidos.

4.1. Um caminho repleto de descobertas – A minha experiência prática

Ao ingressar neste ano de estágio, tinha a certeza que iria ser um ano repleto de desafios e problemas. Apesar de todas as dificuldades, o meu foco principal era conseguir ultrapassar com sucesso todos os obstáculos que encontrasse no meu caminho, isto porque me encontrava no lugar que sempre quis estar, no lugar de professora de EF.

Durante o EP a minha principal dificuldade dizia respeito à leção das aulas aos alunos do 2º ciclo, isto porque eles apresentavam uma falta de organização, falta de autonomia, falta de disciplina e acima de tudo, era uma turma com um elevado número de alunos. Todos estes problemas encontrados aliados ao facto de eu estar a ter o primeiro contacto como professora do ensino básico levou ao surgimento das minhas inseguranças e preocupações. Será que era só eu que não estava a conseguir lidar com os discentes do 2º ciclo? Será que não estava a dar o máximo de mim para conseguir alcançar os meus objetivos? ...Cada vez mais me questionava sobre a minha prestação e o meu trabalho, sendo que colocava várias vezes em causa as minhas capacidades como professora. Segundo Oliveira (2002, p. 15), *“Determinadas escolas, no seu todo, determinadas turmas de uma escola, determinados alunos ou grupos de alunos numa turma são apontados ou reconhecidos como casos particularmente problemáticos de indisciplina. Trabalhar naquelas escolas, com aquelas turmas ou com aqueles alunos não é, por via das regras, tarefa fácil nem para um professor mais experiente, mais dedicado e mais consistente, quanto mais para um professor inexperiente, frágil e inseguro.”* Por estas razões as minhas principais preocupações recaíram sobre este tema, tentando descobrir novas estratégias e novos métodos que me ajudassem na leção das aulas ao 2º ciclo.

Ao descobrir que iria lecionar as aulas aos alunos do 2º ciclo, fiquei inicialmente bastante contente pois sabia que iria ser um bom desafio e que a minha bagagem de aprendizagens iria ficar enriquecida. Muitos PE que já passaram por esta experiência avisaram-me que a leção de aulas ao 2º ciclo é uma das tarefas mais complicadas. Esses mesmos antigos estagiários também disseram que pensaram em desistir por diversas vezes. Apesar de concordar com a parte da dificuldade das aulas do 2º ciclo, não concordo em

nada com a parte do desistir, porque se naquele momento estava no lugar que sempre quis estar, porque haveria de querer sair? Não é fácil deparar-me com estas situações sobretudo no início do EP, no entanto, foram estes problemas que fizeram exigir mais de mim, tentando encontrar novas estratégias, partilhando ideias e conhecimentos com outros colegas e profissionais da escola e refletindo, discutindo as aulas.

Em primeiro lugar, os meus alunos e alunas do ensino básico eram do 5º ano num total de 28, 16 rapazes e 12 raparigas. Apesar de serem alunos e alunas bastante simpáticos e agradáveis, apresentavam pouca noção de organização, pouca disciplina nas aulas e alguns deles acabavam mesmo por não ter respeito pela professora. Ao deparar-me com estas situações, concluí que a maneira que estava a lecionar as aulas do 2º ciclo não era a mais eficaz e poderia estar a prejudicar o sucesso das aprendizagens dos alunos. Por isso, tive a noção que tinha que moldar a minha atitude em relação a esta turma. Ou seja, tive que focar-me num dos 4 pilares da educação (Delors, 2003), no “aprender a ser”, para melhor desenvolver a minha personalidade e estar à altura de agir com cada vez mais capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal.

Em segundo lugar, no 1º período (Futebol) as minhas principais dificuldades estavam relacionadas com a organização/gestão da aula porque apesar de criar exercícios e situações de aprendizagem adequadas ao nível de alunos e alunas, não conseguia organizar as aulas de maneira a que todos os alunos ficassem sempre no mesmo local de trabalho e que realizassem o exercício as vezes suficientes, ou seja, eu criava exercícios em que os alunos tinham que realizar muitas movimentações o que levava à falta de compreensão do exercício. Florence (cit. por Shigunov & Pereira, 1994, p. 76) ao analisar a qualidade da apresentação da tarefa em EF *“constatou que os professores utilizam a maior parte da comunicação em simples apresentações dos exercícios (44,2%), e organização espacial e ligações com atividades anteriores com igual percentual (28,1%). Concluí que, para a qualidade da comunicação dos professores, falta riqueza semântica, em diferentes episódios da aula.”* Os alunos acabavam por se perder no espaço de aula, não realizavam bem as habilidades motoras e eu era obrigada a estar constantemente a organizar os alunos para promover o sucesso das atividades. Tal como afirma Graça (cit. por

Oliveira, 2002), *“quando uma tarefa nova se apresenta ambígua ou arriscada para os alunos, ela pode gerar da parte destes, diversas formas de resistência: erros grosseiros, confusões e incompreensões, distrações, incompreensões, lentidão, desinteresse ...”*

“Estes alunos não têm um comportamento adequado e por isso perde-se muito tempo a organizá-los e a chamá-los à atenção. É bastante complicado lecionar sozinha estas aulas, não só devido ao elevado número de alunos, mas também ao comportamento e às atitudes que eles apresentam. (...). As minhas dificuldades na leção destas aulas são evidentes e são aspetos associados à organização dos alunos e à intervenção no comportamento dos alunos. Estes são aspetos que necessito melhorar e pretendo, por isso, observar aulas de professores experientes e refletir sobre as opiniões do professor cooperante.” (Reflexão do Diário de Bordo, 4 de novembro)

Posteriormente resolvi criar vários grupos de trabalho, sendo que cada grupo trabalhava no seu próprio espaço de aula, não havendo muitas transições. Como sugere Siedentop (cit. por Shigunov & Pereira, 1994, p. 73), *“o professor deve ter diferentes estratégias para as variadas situações e, assim, gerir com eficiência o tempo de organização.”* Esta estratégia fez com que os discentes repetissem mais vezes os exercícios propostos e, principalmente, que trabalhassem sempre no mesmo espaço e com os mesmos colegas. Para Doyle & Evertson (cit. por Oliveira, 2002), *“ Para que haja uma gestão eficaz, é necessário definir-se um sistema de trabalho adequado ao contexto, comunicar as regras de funcionamento de uma forma clara e precisa, fazer demonstrações, dar “feedbacks” na altura própria, ter uma boa visão do trabalho de toda a turma (boa colocação do professor), garantir o envolvimento dos alunos na tarefa, não perder tempo nas transições das tarefas – tudo isto com vista à diminuição de comportamentos inapropriados dos alunos”*

No 2º Período (Atividades Rítmicas e Expressivas) as questões da organização da aula já estavam mais trabalhadas e isso notava-se no desenrolar das aulas. Mas outras questões, apesar de já terem sido consideradas no 1º período, ainda não estavam bem resolvidas, como a questão da disciplina da

aula. No final do 1º período, uma estratégia utilizada para manter a disciplina no espaço da aula foi em cada grupo de trabalho os alunos e alunas que não estavam a realizar os exercícios permaneciam sentados. Esta opção fez com que menos incidentes disciplinares ocorressem durante as aulas. Contudo, após refletir sobre os objetivos e os resultados da aplicação desta estratégia penso que não foi a mais adequada em termos educativos. Deveria ter insistido mais em estratégias que incentivassem ao comportamento que eu esperava deles. Siedentop (cit. Oliveira, 2002) refere uma abordagem à disciplina, que considerei interessante: *“A abordagem positiva, que é aquela que assenta no treino dos comportamentos que vão de encontro aos fins educativos, aproximando o comportamento disciplinado ao que se considera um comportamento apropriado.”* É neste sentido que pretendo, futuramente, conduzir o meu planeamento e ação na aula. Na lecionação das Atividades Rítmicas e Expressivas, optei por obrigar todos os alunos a levar as cadernetas para as minhas aulas. Esta questão da disciplina foi aquela que não consegui trabalhar bem nas aulas do 5º ano, pois apesar das estratégias utilizadas não observei grandes resultados no comportamento dos alunos.

“Em primeiro lugar, concebi exercícios em que os alunos e alunas tinham que “dar as mãos” e muitos deles recusavam-se a realizar a atividade proposta. Isto levou a vários constrangimentos durante a aula e à perda de tempo prático. Ao deparar-me com esta situação, resolvi alterar algumas condicionantes desses exercícios para não prejudicar a aprendizagem dos alunos. (...) os alunos demonstraram-se muito indisciplinados e alguns deles tiveram várias faltas de respeito. Os alunos não se empenharam na aula e não se dedicaram às atividades propostas.” (Reflexão do Diário de Bordo, 8 de março)

Brito (cit. por Oliveira, 2002) diz que *“uma importante estratégia como forma de prevenir o aparecimento de comportamento inapropriados é tornar as sessões e tarefas propostas agradáveis, recorrendo à diversificação, ao movimento e ao prazer, por forma de tornar o jovem mais ativo, como que distraído de possíveis comportamentos indisciplinados.”*

Em último lugar, como ainda não tinha a capacidade de estar atenta a todos os pormenores da aula, senti que as minhas avaliações sumativas de Futebol e Atividades Rítmicas e Expressivas foram um pouco condicionadas. Será que o facto de eu ter estado constantemente a chamar a atenção dos alunos pelo mau comportamento e de gastar mais tempo a organizar a turma não prejudicou a minha atenção na parte prática das avaliações? Esta não foi uma dificuldade, mas sim uma preocupação. Obviamente que se estive com dificuldades na organização e em manter a disciplina nas aulas, não conseguia fazer uma avaliação eficaz pois também estava preocupada com outras questões.

Uma das minhas inquietações na lecionação destas aulas era a de tentar conseguir gerir a organização da turma, mantendo os alunos com um bom comportamento. No entanto, também não podia descuidar do ensino das habilidades motoras da aula, não me esquecendo de ir dando os feedbacks necessários. Sei que tinha a noção do nível dos alunos e alunas e que concebia exercícios e situações de aprendizagem adequadas, mas que ainda não conseguia estar atenta a todos os pormenores da aula e obviamente, que as minhas dificuldades estavam relacionadas com estes fatores. Apesar de ter sentido que estava muito melhor na minha prestação e no meu envolvimento com os discentes do 2º ciclo, acreditava que podia fazer muito melhor e que as minhas aulas podiam ser mais dinâmicas. As dúvidas de como e quando devia atuar nestas aulas ainda permaneciam, mas tinha que assumir as minhas escolhas e opiniões e ir à procura do sucesso. Através desta procura contante de novas estratégias, da partilha de ideias e conhecimentos com outros profissionais da escola e, principalmente, através das minhas reflexões consegui encontrar o “caminho” certo. Foi, então, no 3º Período (Badminton) que optei por lecionar estas aulas através da criação de vários grupos de trabalho, que permaneciam até ao final do período. Esta opção deve-se ao facto de ter refletido sobre as várias estratégias que fui desenvolvendo ao longo do ano letivo, e ter percebido que esta tinha sido a que realçou melhores resultados nas aulas e nos discentes. Os discentes acabaram por ganhar rotinas de aula, pois já sabiam qual era o seu espaço e o seu grupo de trabalho. Para Oliveira (2002, p. 82), *“As rotinas criadas pelos professores, não só reduzem a incerteza que pode conduzir a problemas de indisciplina, mas também mantém a fluidez da aula, a*

continuidade da aticidade e o envolvimento dos alunos na tarefa.” Apesar das várias estratégias utilizadas para melhorar o controlo da disciplina na aula, esta foi uma questão que continuei a ter algumas dificuldades. No entanto, no início da leção desta modalidade optei por desenvolver a estratégia que premiasse os alunos que apresentassem comportamentos adequados. Sabendo que a maioria dos alunos gostava de jogar comigo, quem tivesse um bom comportamento poderia jogar comigo badminton na parte final da aula.

“Mais uma vez relembrei os alunos que aqueles alunos que demonstrasse um bom comportamento iriam jogar comigo Badminton. Toda a aula desenvolveu-se de forma satisfatória e a maioria dos alunos mostrou-se empenhada na realização dos exercícios, seguindo e executando todas as minhas indicações. (...) Apesar de ainda ter presenciado alguns incidentes disciplinares, foi evidente a evolução no comportamento dos alunos, a vontade e desejo que eles tinham em jogar comigo.”
(Reflexão do Diário de Bordo)

Os discentes gostavam de jogar comigo e sentiam-se motivados em conquistar esta pequena recompensa. Este reforço utilizado foi muito importante para ser evidenciado em alguns alunos a evolução do comportamento. À parte desta evolução significativa, sinto que não foi suficiente para ser evidente uma melhoria global do comportamento dos discentes e ter um ensino mais controlado.

Como afirma Emmer, Sanford & Evertson (cit. por Oliveira, 2002) “Os professores mais eficazes, no controlo e organização das suas aulas, são também os mais claros na explicitação da informação /instrução esclarecendo imediatamente quais as atitudes que devem estar presentes dentro da sala de aula.”

4.2. Conceção do Ensino e da Aprendizagem

O papel do professor não se limita apenas à leção de aulas e à transmissão de conhecimentos aos seus alunos, mas sim a algo mais complexo. Para que o processo de ensino e da aprendizagem seja realizado de forma consciente e eficaz existe todo um procedimento *a priori*. A conceção é a primeira

de todas as tarefas do professor no âmbito da organização e gestão do ensino e da aprendizagem. Segundo as normas orientadoras do EP o objetivo da concepção é *“projetar a atividade de ensino no quadro de uma concepção pedagógica referenciada às condições gerais e locais da educação, às condições imediatas da relação educativa, à especificidade da Educação Física no currículo do aluno e às características dos alunos”*. Para que este objetivo seja concretizado é necessário *“analisar os planos curriculares, nomeadamente as competências gerais e transversais expressas; analisar os programas de Educação Física articulando as diferentes componentes: finalidades, objetivos, conteúdos e indicações metodológicas; utilizar os saberes próprios da Educação Física e os saberes transversais em Educação, necessários aos vários níveis de planeamento; ter em conta os dados da investigação em educação e ensino e o contexto cultural e social da escola e dos alunos, de forma a construir decisões que promovam o desenvolvimento e a aprendizagem desejáveis.”* (p.3 e 4)

Desde o primeiro momento que entrei nesta escola, senti a necessidade de conhecer os regulamentos e programas deste estabelecimento. Conseguir planejar algo, implica ter um conhecimento base sobre a estrutura curricular da escola e, por essa razão, foi fundamental contextualizar a minha ação pedagógica, analisando detalhadamente a escola ao nível curricular. Os projetos curriculares, o regulamento interno, os programas nacionais de EF e os projetos educativos foram objeto de análise para ficar a perceber quais as suas finalidades, objetivos e conteúdos. Foi através da análise dos projetos curriculares que selecionei as modalidades que pretendia ensinar aos meus alunos, no entanto, ainda não era definitivo pois ainda queria perceber através dos inquéritos de caracterização individual as opiniões e gostos dos alunos pelas diversas modalidades. Os programas nacionais servem como guia para orientar a prática pedagógica de cada professor, no entanto, nem sempre se adequam à realidade escolar. Outro documento disponibilizado pelo PC foi o regulamento interno, descrevendo todos os mecanismos que estão ligados à comunidade educativa. Os critérios de avaliação foram cedidos para me orientar na ação pedagógica e para conseguir avaliar corretamente os alunos.

Relativamente aos programas nacionais, e depois de análise mais detalhada, percebi que nem sempre aquilo que está nos programas se adequa ao contexto real de escola. As especificidades de cada escola e o seu contexto

são na maioria dos casos um entrave à realização dos programas nacionais de EF. Tendo em conta o referido, a caracterização da turma e a análise dos documentos curriculares da escola ajudaram-me a tomar certas decisões para facilitar o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos.

Depois de conhecer os documentos que tinha de analisar a nível curricular, o receio e a confusão eram os sentimentos que mais se evidenciavam em mim. No entanto, no decorrer da primeira reunião com o PC e com o NE, apercebi-me que aquilo que entendia como confuso e complexo era na verdade mais simples. As nossas mútuas trocas de informações e opiniões fez com que percebesse melhor do funcionamento da Escola Secundária de Ermesinde, que refletisse sobre alguns documentos relativos ao EP e que ficasse mais contente e confiante para iniciar o processo de ensino. O ano de escolaridade que me foi atribuído foi o 12º ano, e tive o cuidado de refletir sobre os conteúdos programáticos relativos a este ano. O projeto curricular de escola foi muito importante para mim, pois consegui perceber quais as modalidades e conteúdos que a escola se propõe cumprir na função educativa.

Todos estes documentos foram muito importantes para um ensino eficaz e para, posteriormente, conseguir elaborar o planeamento anual, plano de aula e de unidade didática.

4.3. Planeamento

4.3.1. Planeamento Anual

Segundo Bento (2003, p.10), *“a planificação e análise/avaliação do ensino são, justamente, necessidades e momentos desencadeadores de reflexão acerca da teoria e prática do ensino. Por isso mesmo, aumentam a competência didática e metodológica e geram segurança de ação. Não somente porque o ensino, mediante planificação e análise, adquire os contornos de uma atividade racional, humana, mas também porque, deste modo, o professor se liberta de determinadas preocupações, ficando disponível para a vivência de cada aula como um ato criativo.”* O planeamento do processo de ensino-aprendizagem tem como objetivo planificar o ensino em três níveis diferentes: planeamento anual, unidade didática e plano de aula. Para conseguirmos elaborar um planeamento

eficaz e concretizável é necessário adequar os objetivos às necessidades dos alunos, ao contexto em que estamos inseridos e também ter conhecimento dos recursos disponíveis na escola. Esta etapa permitiu-me tomar as decisões que considere mais relevantes, definir os objetivos que pretendia alcançar e preparar racionalmente o meu processo de ensino-aprendizagem.

Para o mesmo autor (2003, p.8), *“o planeamento significa uma reflexão pormenorizada acerca da direção e do controlo do processo de ensino numa determinada disciplina, sendo, pois, evidente a relação estreita com a metodologia ou didática específica desta, bem como com os respetivos programas.”* Por isso, o planeamento deve ser entendido como uma tarefa complexa, em que o professor determina o que pretende alcançar e realizar na sua ação pedagógica. Além disso *“o planeamento constitui a esfera de decisão na qual o professor pré-determina quais os efeitos a alcançar no ensino e para quê são despendidos tempo e energias.”* (p. 16)

“A planificação a longo prazo apresenta um carácter genérico, na qual a definição dos objetivos gerais e a realização de um cronograma contribuem para o aumento da probabilidade do cumprimento dos programas escolares” (Zabalza, 1992). O planeamento constitui um instrumento fundamental para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem exigindo ao docente ter a noção do que deve ensinar, como ensinar, quando ensinar e perceber se os alunos estão a aprender. Esta tarefa ocupa grande parte do tempo do professor, para que este consiga organizar devidamente a sua ação pedagógica. Ao planificar tive em conta várias questões como por exemplo, as características dos alunos, os seus interesses, os recursos disponíveis e, obviamente, os conteúdos programáticos.

Tendo em consideração todos os aspetos referidos anteriormente, ao longo deste ano letivo, ao planear tive em conta conceber objetivos concretizáveis, mas também motivadores e desafiadores aos alunos.

Segundo as normas orientadoras do EP, o planeamento anual, plano de aula e unidade didática deve ser planeado tendo em consideração: *“objetivos (adequados às necessidades e diversidade dos alunos e contexto do processo de ensino/aprendizagem); recursos; conteúdos de ensino, tarefas e estratégias adequadas ao processo ensino-aprendizagem; prever formas de avaliar o*

processo de ensino/aprendizagem – momentos e formas; contemplar decisões de ajustamento.” (p.3)

O PC deu-me a total responsabilidade para realizar o meu próprio planeamento anual. Este foi concebido segundo o programa nacional de EF e o projeto curricular de escola, sendo que dei mais relevância ao segundo documento visto que já estava direcionado para o contexto da Escola Secundária de Ermesinde. Neles estavam incluídos as modalidades e os conteúdos a lecionar nos vários ciclos de ensino. Dei também muita importância ao inquérito de caracterização individual, em que os alunos selecionaram as modalidades individuais e coletivas preferidas. Estas preocupações foram essenciais para que o planeamento fosse orientado para uma “aprendizagem segura e eficaz, para a apropriação, por todos os alunos, de conhecimentos e capacidades” (Bento, 2003, p. 22).

De acordo com Bento (2003, p. 59), o plano anual “*é um plano de perspectiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas*”. Porém, este requer uma análise e reflexão a longo prazo, para serem tomadas decisões de forma consciente. O planeamento anual que realizei descriminava as modalidades coletivas e individuais que ia lecionar ao longo dos vários períodos letivos, o número de aulas correspondente a cada modalidade e também o espaço ginnodesportivo que estava disponível para lecionar as aulas, pré-definido no *roulement*. Na minha turma residente e perante os fatores acima referidos, optei por lecionar uma modalidade coletiva e individual em cada período. Devido a esta opção resolvi lecionar no primeiro período as modalidades Andebol, Ginástica de Solo e Ginástica Acrobática; no segundo período Voleibol e Atividades Rítmicas e Expressivas; e no terceiro período Badminton e Basquetebol. Na turma partilhada o NE resolveu distribuir as modalidades e o número de aulas conforme os espaços ginnodesportivos disponíveis e, posteriormente, escolhemos aleatoriamente o que cada PE iria lecionar, sendo que o Futebol, as Atividades Rítmicas e Expressivas e o Badminton foram as modalidades que ficaram à minha responsabilidade.

A realização deste planeamento foi ajustada a todos os documentos e à caracterização dos alunos, contudo, temos de estar preparados para qualquer constrangimento ou imprevisibilidade, que nos levam a ter de alterar o plano, tais como: as condições climatéricas e o material.

Sem dúvida que este documento foi vital para uma ação pedagógica mais controlada, pois conseguiu facilitar a minha forma de preparar as aulas e de programar as atividades a lecionar e tornou-se o meu “roteiro de viagem”.

4.3.2. Modelo Estrutura do Conhecimento e Unidade Didática

Após a definição e construção do planeamento anual, foi altura de começar a caracterizar cada uma das modalidades escolhidas, ou seja, realizar o Modelo de Estrutura do Conhecimento (MEC) de Vickers (1990). Este modelo pretende mostrar como uma modalidade deve ser estruturada e serve-a como um guião para o seu ensino. Pretende, fundamentalmente, unir o conhecimento acerca de uma matéria com a metodologia e as estratégias para um ensino eficaz. O MEC tem como base a análise (módulo 1-3), as decisões (módulo 4-7) e a aplicação (módulo 8) da matéria a lecionar na respetiva modalidade, permitindo perceber e organizar melhor o processo de ensino-aprendizagem. Outro aspeto deste modelo são as categorias transdisciplinar, uma vez que está estruturado através de quatro categorias: habilidades motoras, cultura desportiva, fisiologia do treino e condição física e os conceitos psicossociais (Vickers, 1990). Estas quatro categorias devem funcionar mutuamente nas aulas de EF, pois não nos devemos centrar apenas nas habilidades motoras dos alunos, mas também nas suas atitudes e comportamentos.

Na realização do MEC iniciei com as modalidades escolhidas para lecionar no primeiro período, analisando os conteúdos obrigatórios a lecionar na modalidade presentes nos programas de EF e no plano curricular de EF da escola. Posteriormente, optei por analisar o contexto em que estava inserida, as condições de segurança e de aprendizagem e a gestão dos equipamentos. Por último, analisei os discentes através de uma avaliação inicial. Relativamente as decisões que tomei foram sobre a calendarização da matéria de ensino e de todas as atividades já planeadas ao nível da escola; os objetivos essenciais por área/categoria transdisciplinar tendo em consideração as competências do nível de ensino; os procedimentos a tomar sobre a avaliação e as progressões e métodos de ensino que considerei mais importante face ao contexto de turma.

Este documento serviu-me de guia para planear todas as modalidades, contudo, exigiu algum tempo para ser realizado e tornou-se exaustivo estar a

realizar o mesmo documento para todas as modalidades. Apesar de todas as tarefas do EP que tinha para fazer, este documento foi sempre realizado atempadamente. A elaboração destes documentos permitiu-me alargar o conhecimento de todas as modalidades lecionadas, mesmo aquelas que já tinha alguma ligação desportiva.

Inserido também no MEC, e que é parte essencial do planeamento, está a unidade didática (UD). É aqui que se encontra “*o cerne do trabalho criativo do professor*” (Bento, 2003, p.76) O professor tem, neste momento, a oportunidade de tomar as suas decisões acerca do processo de ensino-aprendizagem, podendo ser criativo e inovador. “*As unidades temáticas ou didáticas são fundamentais no processo pedagógico de ensino, estipulando etapas claras e distintas no ensino-aprendizagem, sendo planificadas pelo professor na organização do seu ensino e servindo como base para a preparação das aulas.*” (Bento, 2003, p.75)

As UD foram realizadas a partir das avaliações diagnósticas feitas nas primeiras aulas de cada modalidade, tendo em conta as habilidades motoras dos alunos e as atitudes que demonstraram face a cada modalidade. Esta avaliação permitiu-me identificar o nível de desempenho dos alunos. Na realização da UD, consegui organizar e planear melhor as minhas aulas com o intuito de atingir os objetivos definidos. Ao longo do ano letivo, tive que alterar algumas UD's devido a várias razões, ou porque os alunos estavam a demonstrar mais dificuldades do que tinha previsto inicialmente, ou por fatores externos a este planeamento, como atividades escolares que foram avisadas na altura das aulas e condições climatéricas que fizeram adiar algumas aulas. Não senti dificuldades na realização das UD, no entanto, todas estas situações imprevisíveis tornaram-se num pequeno problema, pois tive que estar a mudar constantemente as UD's de algumas modalidades e a tomar decisões sobre o que era mais importante para os alunos.

Estes documentos, MEC e UD, ajudaram-me bastante a orientar o meu processo de ensino-aprendizagem e, principalmente, ajudaram a simplificar a elaboração do plano de aula (PA).

4.3.3. Plano de Aula

“Devem estimular os alunos, no seu desenvolvimento. Devem ser também horas felizes para o professor, proporcionando-lhe sempre alegria e satisfação renovadas na sua profissão”

(Bento, 2003, p. 101)

Uma boa aula requer uma boa preparação, por parte do professor. Depois de todo o processo do planeamento anual e da UD, chegou o momento de realizar o plano que requer mais detalhes e atenção, o PA. Como afirma Bento (2003, p. 18) *“a forma, o teor, o grau de pormenor do plano, isto é, das decisões, dependem do seu tipo e nível na hierarquia dos trabalhos de planeamento.”* A construção deste plano foi facilitada pelo planeamento feito anteriormente, a UD, que passou a ser uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do PA. O PA está relacionado com a UD, pois existe uma transferência dos conteúdos definidos na UD para o PA, de modo a conseguir atingir um processo de ensino-aprendizagem eficaz. Também está relacionado com as reflexões de aulas, pois mediante os acontecimentos das aulas é que vamos percebendo o que será mais benéfico nas aulas seguintes para o sucesso da aprendizagem dos alunos. À semelhança do que aconteceu com o planeamento anual e UD, o PC deu-me total liberdade para estruturar e realizar o PA.

Bento (2003, p. 152) refere que *“a aula de Educação Física, assim como todas as formas de ensino ou de exercitação em desporto e como qualquer outra sessão de ensino racionalmente organizada, estrutura-se normalmente em três partes: parte preparatória, parte principal e parte final.”* O meu PA seguiu esta estrutura, no entanto, com uma nomenclatura ligeiramente diferente: parte inicial, parte fundamental e parte final. A parte preparatória é não só dedicada ao aquecimento específico de cada modalidade, mas também é quando preparamos os alunos para a parte principal da aula *“não devem ser entendidas apenas como um «aquecimento», mas sim inerentes à preocupação de criar uma situação pedagógica, psicológica e fisiológica, favorável à realização da função principal da aula”* (Bento, 2003, p. 153). A parte principal da aula é onde o professor despende mais tempo para atingir os objetivos definidos *“o professor tem a tarefa de realizar os objetivos e de transmitir os conteúdos propriamente*

ditos da disciplina, pelo que é aqui que as capacidades metodológicas são particularmente colocadas à prova” (Bento, 2003, p. 158). A terceira e última parte, à parte final, é destinada ao retorno à calma, a esclarecimento de dúvidas e a um balanço dessa aula para servir de transferência para as aulas futuras. Segundo Bento (2003, p. 160) *“A parte final é organizada, tanto sob o ponto de vista fisiológico (retorno do organismo à proximidade dos valores iniciais de carga) ...”*

A elaboração dos PA fez com que houvesse um trabalho constante durante todo o ano letivo, para que algumas dificuldades fossem ultrapassadas. Inicialmente, a elaboração deste plano era uma tarefa na qual despendia muito tempo devido, talvez, às minhas inseguranças e dúvidas relativamente aos exercícios que estava a conceber. Com o decorrer das aulas, essas inseguranças relativas aos PA foram-se dissipando.

Posteriormente, fui percebendo ao longo dos primeiros tempos de aula e após ter criado uma forte ligação com os meus alunos, a atitude e a perceção que eles tinham face à disciplina de EF. A falta de gosto por esta disciplina e a pouca motivação apresentada era claramente evidenciada nas faltas de presença e nas “desculpas” apresentadas pelos alunos que não faziam a aula. Tentei mudar esta atitude de alguns alunos, mas o facto de serem alunos do 12º ano era claramente evidente que este era um comportamento muito habitual.

“Mais uma vez, alguns alunos demonstraram uma péssima atitude face à disciplina de Educação Física, dizendo-me “não me lembrei que tinha aula de Educação Física e esqueci-me do equipamento” e “estou maldisposto”. Nesta aula apenas tive a presença de 7 alunos, sendo que fui obrigada a modificar quase todos os exercícios planeados para a modalidade de Andebol. Alguns dos exercícios foram realizados tal como planeado, mas tive que diminuir o tempo de empenhamento motor. Nem sempre temos que seguir o plano que concebemos, e este foi o caso.”
(Reflexão do Diário de Bordo)

Uma das estratégias que comecei a utilizar foi de dar aos alunos que não realizavam a aula, outras funções durante as aulas de EF. Ao elaborar o PA tive sempre em atenção vários fatores, como o espaço, o material, o tempo de aula e, naturalmente, o número de alunos. Esta situação que referi levava a que o PA

que tinha preparado antecipadamente não fosse possível de ser concretizado, devido aos poucos alunos que, por vezes tinha nas aulas. Nesses momentos tive que ter uma capacidade de adaptação ao contexto em que me encontrava e conseguir improvisar novos exercícios.

Outro fator que, inicialmente, me dificultou na concretização do PA na sua totalidade e que, por vezes, me impedia de atingir os objetivos previamente definidos era o comportamento dos alunos. Para mim foi frustrante planejar e criar exercícios diferentes e inovadores e, depois ao realizar com a turma as coisas não resultavam devido ao comportamento e à atitude que eles tinham.

(...) começo a sentir a turma a dispersar-se e a não estar atenta às minhas indicações. Por esta razão, senti a necessidade de intervir de imediato e “chamar” os alunos à atenção dos seus comportamentos. Posteriormente à minha intervenção houve uma melhoria no comportamento geral da turma, exceto dois alunos (mais problemáticos) que continuaram a “gozar” com a situação. O professor cooperante estava presente nesta aula e verificou que a aula estava a ser prejudicada pelo comportamento inaceitável destes alunos e, por isso, tomou a decisão de expulsá-los da minha aula. A aula continuou de forma mais positiva e os alunos estavam sempre empenhados e em constante empenhamento motor. (Reflexão do Diário de Bordo, 11 de outubro)

Confesso que das primeiras vezes, fiquei bastante nervosa e ansiosa em ter que mudar de repente os exercícios da aula, contudo, ao longo do tempo fui adaptando-me às situações e comecei a sentir-me mais confiante, sendo capaz de encontrar rápidas soluções.

No que diz respeito à elaboração do PA, a única preocupação e dificuldade que tive desde o início foi transcrever corretamente para o PA os objetivos da aula. Apesar de eu saber qual era o meu objetivo de aula, eu apenas colocava objetivos relacionados com as habilidades motoras o que não era o que pretendia. Esta dificuldade foi, posteriormente, ultrapassada com a ajuda do PC.

“A aula é um todo de ação e intervenção dinâmica comum das estruturas anatomofisiológicas, coordenativas e psicossociais, pelo que, sendo o seu resultado observável nestas áreas, também os OBJETIVOS da aula devem ser definidos para as mesmas; considerar como OBJETIVOS da aula apenas o que se refere às habilidades motoras é muito reducionista da ação da aula de Educação Física”
(Observação feita pelo PC, 28 de outubro)

Todos os PA que realizei tinha uma intenção específica de instruir os alunos para que aprendessem mais sobre cada modalidade lecionada. Tanto o PC, como a Professora Orientadora ajudaram-me a aprimorar e a desenvolver mais conhecimentos acerca da planificação das aulas. Todo este processo ajudou-me a evoluir enquanto profissional, tomando consciência da realização do PA e atuando de forma apropriada em função das situações a que fui confrontada.

4.4 Modelos de Ensino

Para proporcionar um ensino que garantisse o sucesso na aprendizagem dos meus alunos, os vários modelos de ensino foram fundamentais neste processo. Como afirma Mesquita & Garça (2011, p. 39), *“Sendo que não há nenhum modelo que seja adequado a todos os envolvimento de aprendizagem, a eficácia de ensino deve ser interpretada através do recurso a modelos de instrução que forneçam uma estrutura global e coerente para o ensino e treino do desporto.”* Não existe um modelo incontestável e que seja adequado a todos os contextos de escola, por isso, tentei perceber quais eram as nossas necessidades e interpretar os modelos de ensino, como formar de me ajudar a atingir os objetivos na aprendizagem dos alunos.

Mesquita & Graça (2011, p. 39) referem que *“entre modelos de instrução mais centrados na direção do professor e modelos que concedem mais espaço à descoberta e à iniciativa dos alunos há que encontrar o justo equilíbrio entre as necessidades de direção e apoio e as necessidades de exercitar a autonomia, de modo a criar as condições favoráveis para uma vinculação duradoura à*

prática desportiva”. Apesar dos vários modelos disponíveis para utilizar, estes não foram utilizados na sua íntegra, sendo apenas utilizadas algumas características que melhor se adequavam às minhas necessidades de contexto.

Inicialmente, no 1º período, as minhas inseguranças e preocupações e o pouco conhecimento que eu tinha dos discentes levaram-me a adotar o Modelo de Instrução Direta (MID). Este modelo caracteriza-se *“por centrar no professor a tomada de praticamente todas as decisões acerca do processo de ensino-aprendizagem, nomeadamente a prescrição do padrão de envolvimento dos alunos nas tarefas de aprendizagem.”* (Mesquita & Graça, 2011, p.48). Através do MID consegui controlar os discentes, determinar as regras e rotinas de aula, com o intuito de atingir os objetivos e a eficácia das aulas. Sem dúvida, que este modelo fez-me envolver mais neste contexto real de ensino e levou a que percebesse algumas dificuldades que precisava melhorar. Conheci quem e como eu era enquanto PE neste contexto real de escola.

Foi, então, no 2º período, que ao lecionar a modalidade de Voleibol optei por utilizar algumas particularidades do Modelo de Educação Desportiva (MED). *“Ao modelo de educação desportiva interessam formas de jogo adequadas às capacidades dos alunos, capazes de motivar e mobilizar a participação relevante de todos eles, e capazes de proporcionar uma competição de qualidade. O propósito de desenvolver a capacidade de jogo, através da melhoria das habilidades específicas, da leitura das situações de jogo e tomada de decisão e da capacidade de resposta de ordem física e psicológica, complementa-se com o propósito de fomentar a autonomia, a liderança e a partilha de responsabilidade na organização da experiência desportiva, através de uma transferência progressiva de poder para os alunos”* (Graça & Mesquita, 2015). O facto de os meus alunos do 12º ano não terem autonomia, nem terem responsabilidade e apresentarem uma atitude menos adequada ao contexto de aula, levaram-me a tomar esta decisão de não utilizar o MED na sua totalidade. Visto que a UD de Voleibol era extensa, e que preenchia grande parte das aulas do 2º período, optei por aproveitar o MED nesta modalidade. *“Os critérios de formação de grupos visam assegurar, não apenas o equilíbrio competitivo das equipas, mas também o desenvolvimento das relações de cooperação e entreajuda na aprendizagem”* (Siedentop, cit. por Mesquita & Graça, 2011, p. 62). Para tal, decidi formar 3 equipas equilibradas em que cada equipa era representada por uma cor (branco,

cinzento e preto), desenvolver um quadro competitivo, e aproveitar o MED para conseguir integrar os meus alunos em grupo para desenvolverem competências de entreajuda, cooperação, fair play, e para atribuir diferentes papéis aos alunos, como capitão, estatístico e jogador. Nas palavras de Graça & Mesquita (2015, p. 14) *“o modelo de educação desportiva acredita nas vantagens da aprendizagem cooperativa em pequenos grupos heterogéneos e duradouros. Um esforço intencional é colocado no sentido de reforçar a identidade de grupo, o sentimento de fazer parte de um grupo que trabalha para um objetivo comum e que se ajuda mutuamente para o alcançar”*. Expliquei logo aos alunos o que iam ter de fazer e qual as suas responsabilidades no desempenho destes papéis. Para não haver dúvidas e confusões nas aulas, defini rotinas e regras em que o capitão deve indicar se a equipa está completa e devidamente equipada.

“Ao nível da implementação do MED, durante a maior parte da aula a competição esteve presente. Consegui envolver toda a turma na aula, mesmo os alunos lesionados, dando-lhes tarefas inerentes aos exercícios. No entanto, não estou a implementar o MED na sua totalidade, visto que, os meus alunos não são autónomos nem responsáveis.” (Reflexão do Diário de Bordo)

O MED tem uma preocupação *“em diminuir os fatores de exclusão, lutando por harmonizar a competição com a inclusão, por equilibrar a oportunidade de participação e por evitar que a participação se reduza ao desempenho de papéis menores por parte dos alunos menos dotados”* (Hastie, cit por. Mesquita & Graça, 2011, p. 62). Em algumas aulas já estipuladas da modalidade de Voleibol, era organizado um torneio em que o objetivo era que todos os alunos participassem e se envolvesse na tarefa proposta. Com este torneio, os alunos aplicavam os conhecimentos aprendidos e também desenvolviam a autonomia e responsabilidade. Apesar de ter investido bastante neste modelo percebi que os meus alunos não davam muito valor. Não se mostravam interessados, não tinham responsabilidade e não eram empenhados na competição entre equipas. Durante a competição foi possível verificar que

alguns o pouco entusiasmo pelas aulas e pela forma como elas decorriam, decorando as fichas de estatística com os resultados obtidos em jogo. Concluí a aplicação deste modelo, com a sensação de que não foi um sucesso nesta turma. A dedicação dos alunos foi mínima, levando a que o modelo para eles fosse visto como “carga de trabalhos” nas aulas de Educação Física.

Na modalidade de Voleibol, também achei pertinente inserir algumas particularidades do Modelo de Abordagem Progressiva ao Jogo (MAPJ). Visto que, o MAPJ enfatiza o desenvolvimento de competências para jogar Voleibol, o ensino da técnica ficou “dependente” do ensino da tática. Este refere a *“necessidade do praticante compreender o jogo e fazer da aprendizagem um processo de procura de soluções (dimensão cognitiva), oferece a todos oportunidades de prática e de participação equitativa (dimensão social), assegura a construção de valores eticamente fundados pela promoção do fair-play e da literacia desportiva (dimensão pessoal) e legitima a aquisição de competências táticas, técnicas e físicas pela prática do jogo (dimensão motora)”* (Graça & Mesquita, 2015, p. 78).

Por fim, no terceiro período, o modelo predominante voltou a ser o MID, porque os alunos mostraram-se pouco empenhados e motivados nas aulas do período anterior, mesmo nas modalidades que eles mais gostavam. Na modalidade de Basquetebol também utilizei o Modelo de competência nos jogos de invasão, em que foi concebido *“para permitir que os alunos aprendam, não só a participar com sucesso em formas modificadas de JD coletivos de invasão, como também a desempenhar outros papéis de organização de prática desportiva (...)”* (Graça & Mesquita, 2011, p.141). Por isso, optei por realizar nas aulas versões modificadas do jogo formal, ou seja, as formas básicas de jogo adequando ao nível de jogo dos meus alunos. Nas minhas aulas também optei por desenvolver a competência em função de apoio e coordenação, que *“visa desenvolver nos alunos a capacidade de organizarem a sua prática de uma forma responsável e autónoma, bem como competências de auto-regulação da sua aprendizagem”* (Graça & Mesquita, 2011, p.143) Quando o aluno estava a jogar tinha de ser responsável pelo espaço de jogo, pela equipa e pelas condições de segurança. Quando o aluno não estava a jogar, desempenhava outras funções, como por exemplo, funções de árbitro ou cronometrista.

Ao refletir sobre todos estes modelos, sinto que cada um deles teve os seus pós e contras. Contudo, o mais importante ao utilizarmos estes modelos nas aulas de EF é conseguirmos estimular os nossos discentes para a prática do desporto e conseguir desenvolver competências em cooperação.

4.5. Aprender a observar e a refletir

No EP é essencial e obrigatório observarmos aulas de outros professores e refletirmos sobre a nossa ação pedagógica, para atingirmos um ensino eficaz.

Algumas das atividades individuais do EP materializam-se “(...) *na observação de aulas ministradas pelo professor cooperante, colegas estagiários ou outros professores e realização ou colaboração em tarefas definidas pelos orientadores como fundamentais para a formação profissional do estudante estagiário*”³ e em “*refletir sobre a sua prática, apoiando-se na experiência, na investigação e em recursos de desenvolvimento profissional*”.⁴

Como afirma Sarmento (2004, p. 161) “Observar “qualquer coisa” não é só olhar o que se passa à nossa volta. Mais do que isso, é captar significados diferentes através da visualização”. Na formação de professores, a observação de aulas é uma das tarefas a realizar pelo PE, com o objetivo de melhorarem a sua prática pedagógica. Esta tarefa realizada às colegas do NE e ao PC foram momentos importantes e relevantes para a minha formação. “Observar possibilita uma perceção, mas é algo que gera uma expectativa, formula dúvidas e proporciona respostas e que se desenvolve numa rede de referências (...)” (Sarmento, 2004). Tornaram-se momentos de partilha de ideias, de experiências, de estratégias de ensino, que me ajudaram a ultrapassar os momentos mais contraditórios e as dificuldades sentidas nas aulas lecionadas. Todas as observações serviram também para observar algumas estratégias e situações que não considerava uteis para as minhas aulas e que depois de utilizá-las foram vantajosas na minha prática pedagógica.

³ Artigo 4º do Regulamento da unidade curricular Estágio Profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FADEUP.

⁴ Normas Orientadoras do Estágio Profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FADEUP, 2016-2017.

Nas palavras de Sarmiento et al. (2000, p.21) *“Quando observamos o comportamento de alguém vemos que as suas ações ou se repetem muitas vezes (por unidade e tempo) ou raramente acontecem, ou seja, há comportamentos mais frequentes que outros”*. Nas observações de aulas realizadas foi utilizado em algumas o registo de duração, ou seja, registando o tempo que o professor ou um aluno apresentava determinado comportamento categorizado, *“por vezes a frequência com que os comportamentos ocorrem não e a informação mais útil e neste caso o registo de ocorrências não pode ser utilizado. Se e necessário registar a quantidade de tempo que o aluno esta em atividade ou que o professor leva a desempenhar determinada função, por exemplo, e necessário utilizar o registo de duração, utilizando-se o tempo como medida de comportamento”* (Sarmiento et al., 1993).

As observações das aulas (ao PC e ao NE) tiveram 3 momentos: no primeiro momento foquei-me essencialmente em observar os comportamentos do professor (deslocamentos, trajetórias, a postura do professor, as atividades da aula desenvolvidas) e os incidentes críticos ocorridos durante as aulas; no segundo momento já dediquei mais atenção à análise do tempo de aula (instrução a classe – *“intervenções verbais ou não verbais do professor ou de um substituto, relativas a matéria de ensino, para comunicar a turma não só o para quê e o porquê da atividade de aprendizagem, mas também, o que fazer, como fazer e os resultados alcançados”*, organização da classe – *“intervenções verbais e não verbais do professor, ou de um substituto, para regular as condições da vida da classe, nomeadamente para dar indicações sobre deslocamentos, a colocação ou transporte de material e a formação de grupos”*; a classe organiza-se – *“situação em que os alunos se deslocam para se reunirem em determinado local, ocuparem o lugar de realização do exercício ou mudarem de estação, e, ainda, as situações em que se procede a formação de grupos”*; pratica – *“períodos em que mais de 50% da classe esta empenhada nas tarefas motoras prescritas pelo professor”*; Outros comportamentos – *“intervenções do professor não contempladas nas categorias anteriores e que ocorrem fora do período da prática”* (Sarmiento et. al., 1993). No terceiro e último momento das observações, a questão da qualidade da instrução do professor foi o meu foco principal.

Para Sarmiento (2004) *“a observação é um instrumento, cujas fronteiras (inter)disciplinares se refletem nas reações do professor à prestação do aluno, as quais enfatizam a capacidade de ver e avaliar o movimento do aluno.”* No decurso das aulas de EF, também foi fundamental conseguir observar os meus alunos, ver e analisar a prestação deles. *“As tarefas desportivas, enquanto tarefas complexas, abrangem elementos com algum grau de dificuldade de execução, onde a experiência e o conhecimento específico do observador podem influenciar a sua compreensão (...) A observação da tarefa pressupõe, por tudo isto, a possibilidade de a apreciar para poder estudar as suas características”* (Sarmiento, 2004). Também tentei orientar a atenção dos alunos para o seu desempenho motor, *“a função pedagógico-didática da observação não se fixa exclusivamente no professor, ela estende-se ao aluno/praticante no que toca a “auto-observação”. Atirar a atenção do aprendiz para a sua própria execução (“vê como puseste as mãos”, “vê como fizeste”) fornece-lhe a possibilidade de comparar a sua execução com a do modelo”* (Sarmiento, 2004, p. 176). Ensinar o aluno a realizar uma “auto-observação” é também muito importante para que ele se sinta familiarizado e compreenda todo o processo de aprendizagem. No que diz respeito a avaliação diagnóstica e sumativa, concebi critérios simples e concretos para facilitar esta tarefa. Esta estratégia que utilizei tinha como objetivo simplificar a observação dos meus alunos, todavia, existiram certas modalidades nas quais não estava tão familiarizada e deparei-me com alguns constrangimentos em conseguir observar todos os discentes de forma equitativa. É óbvio, que quando estamos mais familiarizados com as modalidades, esta questão da observação torna-se uma tarefa mais simples, no entanto, estes desafios e dificuldades fizeram-se evoluir e perceber cada vez mais a importância desta tarefa de observar.

A reflexão de aulas é, também, uma das capacidades que o professor deve conseguir adquirir ao longo da sua atividade profissional. Neste período de momentos contraditórios e de dúvidas constantes, esta capacidade de refletir sobre a ação foi importante para conseguir perceber quais as minhas dificuldades e o que poderia alterar na minha ação pedagógica. Segundo Bento (2003, p. 190), *“a reflexão posterior sobre a aula constitui a base para um reajustamento na planificação das próximas aulas, uma vez que proporciona*

uma definição mais exata do nível de partida e procede a balanços que devem ser tomados em conta na futura planificação e organização do ensino”.

Ao longo do EP, refletir sobre os acontecimentos da aula era inevitável, visto que considerava importante perceber se o que tinha planeado previamente tinha sido concretizado nessa aula, ou seja, *“a reflexão é guiada por meio de comparação dos objetivos e do processo, previamente estabelecidos e programados, com os resultados alcançados e com o decurso realmente verificado”* (Bento, 2003, p. 190). Um dos instrumentos de reflexão que me ajudou ao longo deste processo foi o Diário de Bordo. Nele exprimia todos os acontecimentos das aulas, todas as minhas experiências, as minhas sensações, as minhas dificuldades, os meus sucessos, as minhas emoções, etc. No entanto, nem sempre foi fácil refletir e por vezes, até nem conseguia refletir sobre nada. Nos primeiros tempos, refletir profundamente sobre a minha prestação significava que eu conseguisse ter tudo controlado e que, posteriormente, tivesse em atenção os meus comportamentos e as minhas ações. O facto de ter que prestar atenção a diversos fatores de aula, levou a que não conseguisse perceber e analisar os meus comportamentos. E isso, sem dúvida, que prejudicou as minhas reflexões. E quando não conseguia refletir sobre nada, o que acontecia? Limitava-me a pensar... a pensar no que tinha sentido durante as aulas, no misto de sentimentos que tinha vivenciado, nas razões que me levaram a tomar certas atitudes...e nesses momentos tudo se tornava mais simples.

Em modo de conclusão, estas duas tarefas do EP foram extremamente importantes no processo de ensino-aprendizagem. A questão da observação e da reflexão das aulas são processos complexos e que permitem perceções diferentes sobre os acontecimentos, contudo, é fundamental sabermos perceber o que é essencial analisar, observar e refletir para atingirmos os objetivos e sucessos na ação pedagógica.

4.6. Avaliação

Nas palavras de Bento (2003, p. 174), “em quase todas as obras de didática é realçada a importância da análise e avaliação do ensino. Conjuntamente com a planificação e realização do ensino, a análise e avaliação

são apresentadas como tarefas centrais de cada professor”. Descrita como uma tarefa importante, mas também muito difícil e stressante. Pelo menos estas foram as sensações reveladas ao realizar esta tarefa.

Sem querer descurar a importância que todas as outras tarefas tiveram no meu processo pedagógico foi nesta tarefa que senti mais necessidade de refletir, de investigar e de perceber a forma como se realiza, uma vez que é aqui que assenta a base da nossa profissão. Na primeira reunião que tive com o PC acerca da realização desta tarefa, foi-me transmitido que seria responsável pelas decisões de avaliação, e para isso fui à busca de informações sobre as elaborações de grelhas, percentagens de cada critério de avaliação e acima de tudo, para perceber o que era mais importante avaliar. E ainda bem que assim foi! Esta minha investigação e reflexão fez-me ganhar mais conhecimentos sobre esta área e estar mais à vontade para avaliar os meus alunos. A ajuda do PC também foi fundamental para perceber no que estava a errar e, conseqüentemente, quais eram os caminhos mais corretos para elaborar uma avaliação mais eficaz.

Ao longo deste ano letivo a avaliação foi realizada em 2 momentos distintos: no início de cada modalidade (avaliação diagnóstica) e no final de cada modalidade (avaliação sumativa). A avaliação realizada no início das UD apresentava um carácter diagnóstico que, segundo Rosado, Dias, et al. (2002, p. 70) “*permite identificar problemas, no início de novas aprendizagens, servindo de base para decisões posteriores, através de uma adequação do ensino às características dos alunos*”. Estas avaliações tinham como principal objetivo observar qual o nível de cada aluno e perceber qual o conhecimento que tinham acerca da matéria a ensinar. Sem dúvida, que esta avaliação foi fundamental para a minha prática pedagógica pois permitiu-me adaptar os objetivos, conteúdos e as atividades ao nível e capacidades da turma. A avaliação diagnóstica foi sempre concretizada através de grelhas previamente elaboradas para cada modalidade. Nestas grelhas estavam descritos os conteúdos a observar e avaliar e também os critérios essenciais a observar em cada conteúdo.

“No que toca à ficha de avaliação diagnóstica, a minha preocupação incidiu na realização de uma ficha de registo simples e ao mesmo tempo conclusiva. Para isso selecionei alguns conteúdos que me permitissem perceber o nível da turma. Penso que a grelha que concebi se tornou fácil para observar os alunos. Estes conteúdos puderam ser observados ao longo da realização da aula, existindo uma articulação bem elaborada entre o plano de aula e a ficha de observação.” (Diário de Bordo, 6 de janeiro)

No que diz respeito à avaliação formativa não senti necessidade de realizá-la, visto que não tinha um número elevado de discentes, 14 jovens, e conseguia identificar perfeitamente as dificuldades e as evoluções na aprendizagem dos alunos e alunas. Ao longo das UD's fui adaptando e adequando as habilidades e as tarefas ao nível que cada aluno e aluna ia conseguindo alcançar.

Na avaliação sumativa, Rosado, Dias, et al. (2002, p. 66) referem que *“a avaliação sumativa fornece um resumo da informação disponível, procede a um balanço de resultados no final de um segmento extenso de ensino.”* Esta avaliação permitiu-me analisar as habilidades motoras dos alunos e perceber se os objetivos definidos tinham sido atingidos pelos alunos. Para além disso, permitiu-me classificar o aluno nas suas aprendizagens com uma nota específica em cada modalidade.

A avaliação sumativa foi, igualmente, sempre concretizada através de grelhas previamente elaboradas para cada modalidade. Nestas grelhas estavam descritos os conteúdos a observar e avaliar e também os critérios necessários a executar em cada conteúdo. A realização desta avaliação foi baseada a partir de critérios pré-definidos para cada modalidade. Ou seja, os objetivos e critérios de cada conteúdo a lecionar previamente definidos na elaboração do MEC serviram de base para conseguir realizar e estruturar uma avaliação sumativa coerente e eficaz. Existiram certas modalidades nas quais não estava tão familiarizada e deparei-me com alguns constrangimentos em conseguir avaliar todos critérios aos discentes de forma equitativa. As modalidades em que senti mais dificuldades em realizar as avaliações foram o Andebol e Basquetebol, pois não tinha tantos conhecimentos acerca destas modalidades.

Depois de realizadas as avaliações sumativas de cada modalidade, era chegada a altura de refletir sobre os resultados obtidos e atribuir uma classificação a cada aluno. Através dos critérios estabelecidos pelo grupo de EF foi necessário ir ao encontro dos valores percentuais estipulados para cada domínio de avaliação: saber-fazer (60%), saber-estar (20%) e saber (20%). Apesar destes 3 domínios de avaliação terem valores percentuais diferentes, no decurso da minha prática pedagógica investi bastante nos três domínios de igual forma para conseguir atingir os objetivos previamente definidos com eficácia e coerência. No domínio do saber-estar, a avaliação era realizada tendo em consideração a atitude, o comportamento, a cooperação e a responsabilidade dos alunos, sendo que era importante refletir sobre o percurso de cada aluno ao longo de cada período. O domínio do saber era avaliado através de um teste escrito realizado no final de cada período (apenas com questões sobre informações que foram dadas nas aulas) e também com o conhecimento que cada aluno tinha sobre cada modalidade nas aulas de EF. Este domínio tinha o objetivo de avaliar o conhecimento teórico de cada aluno nas modalidades ensinadas ao longo do ano. Por último, no domínio do saber-fazer, este foi avaliado através dos resultados obtidos nas avaliações sumativas das diversas modalidades.

Sinto que as minhas dificuldades nunca estiveram na atribuição das notas, mas sim na definição dos critérios e na decisão do que era mais importante avaliar naquelas modalidades em que não estava tão familiarizada. Através da experiência que fui adquirindo ao longo do tempo, alcancei capacidades que me foram dando mais segurança nos momentos mais críticos de avaliar os discentes.

Nas avaliações que realizei, pretendia ser justa com os alunos, e assim penso que o fiz. Todo este processo possibilitou-me evoluir nesta área de ensino, sendo que consegui experimentar e perceber quais as estratégias que me são mais favoráveis e agradáveis para avaliar de forma mais eficaz.

4.7 – Participação na escola e relação com a comunidade

4.7.1. Direção de Turma

“A função de diretor de turma incorpora um conjunto de vertentes de atuação correspondendo aos seus diversos interlocutores: alunos, professores e encarregados de educação. A atuação do diretor de turma junto dos alunos e encarregados de educação tende, na prática mais comum, a prevalecer sobre a ação junto dos professores que é, contudo, uma dimensão crucial deste cargo, que não pode, aliás, ser dissociada das restantes.” (Rodão, 2007, p. 3)

Ao ingressar neste ano de estágio pretendia envolver-me nas demais áreas pedagógicas de ensino para conseguir que a minha experiência de estágio me proporcionasse uma formação completa de novos conhecimentos.

Como professora estagiária de EF do ensino básico e ensino secundário, fiquei curiosa acerca do trabalho que é realizado pelos diretores de turma. Este foi um tema que despertou grande interesse no decurso da minha atividade pedagógica e por isso, resolvi falar com o PC para ter a oportunidade de acompanhar alguns professores responsáveis por esta tarefa. O acompanhamento nesta área de intervenção do diretor de turma foi realizado a partir do 2º período, verificando-se uma maior atuação aquando as reuniões de conselho de turma e reuniões intercalares.

Ambas as professoras que acompanhei não faziam parte nem do núcleo de professores da minha turma residente nem da partilhada. Por isso, tive que me apresentar e transmitir a cada um o que realmente pretendia com esta intervenção. E valeu a pena todo este processo. Fiquei a conhecer outros professores que não são da minha área de ensino e, conseqüentemente, consegui integrar-me cada vez mais na comunidade escolar. Os discentes dos diretores de turma que acompanhei não eram meus alunos e a minha intervenção e colaboração em alguns aspetos tornavam-se complicados. Ao longo desses períodos, marquei presença nas reuniões com todos os professores das turmas, nas reuniões com os Encarregados de Educação, tive acesso a documentos utilizados pelos diretores de turmas e estive em reuniões individuais com os respetivos diretores de turmas para lhes colocar questões e dúvidas que tinha e para eles me transmitirem todo o processo que tem que

realizar desde o início do ano. Ao longo do ano as diretoras de turma com quem trabalhei foram-me transmitindo as ideias mais importantes de todo este processo, documentos, a forma com se faz o lançamento de notas, o processo de faltas dos alunos, etc. Ao marcar presença nestas reuniões, realizava sempre as atas das mesmas e será um ajuda futura, como forma de orientação quer na realização de reuniões de conselho de turma como de encarregados de educação.

O trabalho exercido nesta área não era de todo desconhecido devido às unidades curriculares que tive na faculdade, no entanto, foi muito importante inserir-me nesta área de ensino e perceber o que na prática é realizado. Assim, estive presente em algumas reuniões de conselho de turma e de encarregados de educação das turmas 5º e 11º. Nestas reuniões consegui perceber quais as principais funções do diretor de turma e quais as principais preocupações que conduzem esta tarefa. Como já referi, a minha participação não foi fácil pois desconhecia os discentes que eram alvo de discussão nestas reuniões, no entanto, tentei sempre ter uma participação mais ativa para ficar com uma ideia das funções da figura do diretor de turma.

Ao longo da minha participação a acompanhar o trabalho do diretor de turma, fiquei com algumas ideias importantes acerca desta tarefa. Como afirma Roldão (2007), *“O diretor de turma desempenha, junto dos docentes da turma, uma função de coordenação - das atuações de cada um deles no âmbito da respetiva área de docência - e de articulação/mediação entre essa ação dos professores e os restantes atores envolvidos no processo educativo: os alunos e os encarregados de educação.”* Em primeiro lugar, percebi que o diretor de turma é, fundamentalmente, quem coordena todo o núcleo de professores da turma em questão. Todas os professores que tinham informações acerca dos alunos (assiduidade e pontualidade, comportamentos, avaliações, etc...) transmitiam ao diretor de turma para que essas informações fossem posteriormente transmitidas aos encarregados de educação. Estas informações são essenciais para garantir o sucesso escolar dos discentes e é o diretor de turma que assume o papel de perceber através dos restantes professores o que realmente é importante e relevante transmitir aos encarregados de educação e saber a melhor forma de comunicar-lhes. Em segundo lugar, cabe ao diretor de turma conseguir criar um bom clima de diálogo entre todos os intervenientes da

turma, para que o sucesso e participação escolar dos alunos seja mais eficiente. Assim, compreendi que, o diretor de turma é uma peça fundamental para garantir uma boa imagem da escola, sendo importante que estes sejam capazes de estabelecer e garantir uma boa relação com os atores envolvidos no processo educativos, professores, discentes e encarregados de educação. Por último, mas não menos importante, o diretor de turma tem outra função relacionada com o lançamento de notas, com a realização de todas as atas das reuniões (com a ajuda do secretário), em atualizar o dossier da turma e os processos individuais dos alunos e em organizar e preparar previamente todas as reuniões de turma. Tudo isto exige muito trabalho e competências dos diretores de turma, e é muito fácil perceber e distinguir as turmas que têm uma boa coordenação.

Segundo Zenhas (2006, p. 13), *“O DT ocupa uma posição importante nas estruturas de gestão intermédia da escola. Competindo-lhe o estabelecimento de relações entre família e a escola, também lhe estão atribuídas as funções de acompanhamento de cada um dos alunos da turma (considerando o seu desenvolvimento global e não apenas académico) e a coordenação da intervenção concertada de todos os intervenientes no processo educativo, com destaque para os professores e os encarregados de educação.”*

Sem dúvida, que tudo isto que aprendi só foi possível devido à disponibilidade demonstrada pelas diretoras de turma que acompanhei. Com as suas colaborações foi possível perceber a dinâmica presente nestas funções do diretor de turma. Esta experiência foi crucial para a minha aprendizagem, e será uma mais valia para um futuro próximo.

4.7.2. Atividades realizadas pelo núcleo de estágio

4.7.2.1. Corta-mato

Ao longo deste ano letivo participei em diversas atividades escolares, quer individualmente quer com o meu NE. Todas elas contribuíram, de certa forma, para o meu crescimento pessoal e profissional.

A primeira atividade escolar em que participei foi o corta-mato. Primeiramente, foram realizadas provas de apuramento para a distrital, na ESE. Nesse dia, todos os professores foram distribuídos por diferentes zonas da

prova, sendo que o meu NE ficou responsável pela zona de chegada dos atletas, pelo reforço alimentar do evento e por colocar os resultados das provas para conhecimento dos atletas. Todas estas funções foram executadas de forma tranquila e satisfatória, não havendo nenhum problema no decurso das provas.

No dia nove de fevereiro realizou-se o corta-mato distrital e alguns professores de EF e os PE foram destacados para acompanharem os atletas que ficaram apurados nas provas realizadas anteriormente na ESE. Confesso que ao chegar ao Parque da Cidade do Porto fiquei bastante surpreendida e impressionada com a organização do evento. Esta organização desportiva teve muito impacto em mim e demonstrou-me que estes eventos são excelentes para o desenvolvimento humano, pois colocaram toda a comunidade escolar em movimento com outros intervenientes.

O meu NE ficou responsável por um escalão da prova. A minha função era em primeiro lugar, acompanhar os alunos deste escalão às respetivas provas e, em segundo lugar transmitir todas as informações necessárias para uma melhor performance nas provas. Por último, desempenhei funções de treinadora, e além de realizar o aquecimento da prova também tentei motivar estes alunos para darem o seu melhor nas respetivas provas.

Esta experiência que me foi proporcionada, contribuiu para a minha aprendizagem acerca destes eventos escolares e, sem dúvida, que serão benéficas para o meu futuro.

4.7.2.2. Torneio de duplas – GiraVolei

O Voleibol era uma modalidade de competição presente no programa do Desporto Escolar, sendo que era a modalidade mais praticada pelos alunos da ESE. Por esta ter sido uma modalidade de grande interesse por parte alunos e com a autorização e aceitação do professor responsável pelo Voleibol na ESE, Professor Cassiano Seixas, foi dada aos dois NE a responsabilidade de organizar o evento do torneio de duplas, o GiraVolei.

Todo o evento desportivo foi planeado com a devida antecedência na primeira reunião realizada com todos os PE e com o professor responsável pela modalidade na ESE. Como PE senti que foi dada muita importância nesta reunião que estava destinada para o planeamento do Giravolei a realizar no dia

três de abril pelos PE da ESE. Abordamos temas como a importância que este evento tem na ESE, o que é o GiraVolei e as informações mais relevantes que era fundamental os estagiários ficarem a saber.

Através de todas estas informações, os PE decidiram marcar várias reuniões para tomar decisões importante sobre a organização deste evento desportivo. Em primeiro lugar, começamos a tomar decisões quanto ao nível dos escalões que pretendíamos colocar no torneio, quanto ao espaço de jogo e quanto ao material e documentos que tínhamos que preparar. Estas decisões foram facilmente tratadas e discutidas, tendo chegado a um consenso entre os dois núcleos de estágio. Em segundo lugar, achamos melhor começar a dividir tarefas, sendo que cada PE ficou responsável por organizar algum documento ou responsável por alguma tarefa específica: fichas de inscrição, ligar à federação para nos ajudar nos materiais e montagem de campos, ordem de jogos, etc. A minha tarefa cingiu-se à elaboração das fichas de inscrição para que, rapidamente, os professores de educação física inscrevessem os seus alunos no torneio. Também tive que pedir as colunas e microfone ao diretor da escola que nos disponibilizou de imediato estes materiais. O cartaz (anexo I) e regulamento elaborado do torneio foi posteriormente fixado na escola. Por último, a organização dos jogos foi realizada por todos os PE e foi elaborada após a inscrição de todas as equipas no torneio. Nós, estagiários, tivemos mais trabalho na organização dos jogos porque alguns dos professores de EF inscreveram os seus alunos nos escalões errados. Por esse motivo, tivemos que alterar várias equipas de escalões.

Após alguns meses de trabalho, no que diz respeito à colocação de cartazes na escola, tomada de decisão acerca dos espaços de jogos, solicitação de alguns materiais ao diretor da escola, solicitação de patrocínios à Federação, revisão das inscrições dos alunos nos respetivos escalões, conseguindo todas estas tarefas, eis chegado o dia do evento.

O evento teve início às 8h30 com a concentração e receção de todos os participantes para marcarem a devida presença no evento. Contudo, nós iniciamos este dia bem mais cedo para terminar de montar os campos de jogos, para transmitir novamente qual a tarefa de cada PE, colocar todo o material essencial no seu devido lugar, como colunas, microfones e as identificações dos campos. Os únicos professores presentes na organização deste evento eramos

nós, estagiários, e por isso tivemos que estar com o dobro da atenção aos pormenores que iam acontecendo no decorrer do evento. Às 9h00 o GiraVolei deu início conforme estava planeado.

Nesta atividade estive encarregue de várias funções. Em primeiro lugar, foi a de registar as presenças de todos os atletas inscritos no evento para posteriormente entregar aos diretores de turma. Neste sentido, assim que chegava uma equipa à zona de receção, eu tinha que realizar a anotação da presença da equipa e das suas turmas. Este trabalho foi realizado na parte da manhã e da tarde do evento. Em segundo lugar, fiquei responsável por todos os jogos do escalão infantil masculino e por cronometrar todos os jogos do torneio realizado no Pavilhão gimnodesportivo, sendo que os jogos do torneio iniciavam e terminavam ao meu sinal. Todos os jogos do escalão infantil masculino realizaram-se sem nenhuma falha e terminaram dentro do tempo previsto. Outras tarefas que também realizei foi a colocação de resultados, que apesar de não ter sido uma tarefa previamente destinada para mim, resolvi ajudar para este trabalho ser realizado mais rápido e melhor.

No que diz respeito ao evento em si, este decorreu conforme o planeado, no entanto, houveram algumas falhas que cometemos, mas não foram um entrave para o sucesso do torneio.

“Relativamente aos aspetos negativos do torneio, penso que tivemos falhas ao nível da organização dos jogos pois durante o torneio fomos observando algumas equipas que estavam nos escalões errados e também demos responsabilidades a alguns estagiários que não cumpriram da forma mais eficiente com as tarefas. Penso que o mais importante deste torneio era conseguir perceber e conhecer como se organiza um evento desta dimensão e esse objetivo foi cumprido com sucesso.” (Reflexão Torneio de Duplas, GiraVolei)

Penso que o que mais falhou neste torneio foi a parte estatística do evento, ou seja, quem colocava os resultados e realizava os novos quadros de jogos. Isto porque, não souberam realizar a tarefa de forma rápida e eficaz. Algumas equipas que tinham passado a fase de grupos, por vezes, não estavam lá seleccionadas o que levou a que outros PE, inclusive eu, tivessem que ir ajudar para resolver o problema. Todavia, pelo lado positivo os alunos que participaram demonstraram interesse e motivação e os que não participaram criaram um bom clima de apoio aos participantes. Outro aspeto favorável, o tempo estipulado para a realização deste evento foi cumprido ao pormenor, acabando á hora prevista para realizar a entrega de prémios. Penso que criamos um bom ambiente entre as equipas do torneio, um bom evento da modalidade de Voleibol e que soubemos ultrapassar algumas dificuldades evidenciadas ao longo do torneio.

“(...) o torneio de duplas desenvolveu-se de forma positiva, foi visível que os atletas apreciaram bastante este torneio e conseguimos criar um ambiente agradável entre equipas e a organização. Na minha opinião, consegui atingir os objetivos previamente estabelecidos que era conhecer e perceber como se organiza estes torneios escolares.”
(Reflexão Torneio de Duplas, GiraVolei)

Relativamente à organização do evento, foi evidente que nem todos se envolveram neste trabalho e que ficaram aquém das expetativas. Acredito que alguns dos PE desleixaram-se no trabalho que deveriam realizar, por saberem que alguém, como eu, o iria fazer. No entanto, não sou pessoa de entrar em debates e discussões e prefiro realizar o meu trabalho e elaborar um bom evento.

Penso que a minha envolvimento na realização deste evento foi extremamente importante e permitiu-me ficar com uma melhor ideia do que é necessário para realizar uma atividade/evento desta dimensão. Obviamente, fiquei com um conhecimento mais alargado de como se organiza e planeia um evento escolar e a necessidade de organizar um evento destes de forma bastante rigorosa e cautelosa para que não haja incidentes. É de salientar, que a ideia com que fico é que estes eventos são muito importantes para o

desenvolvimento social dos alunos e que ajuda a manterem um convívio social com todos os outros.

4.7.2.3. Vista de estudo da ESE

Foi com grande prazer que os PE aceitaram o convite do professor de Educação Moral e Religiosa do 6º ano, autorizado pelos PC de ambos os núcleos, para participar na visita de estudo ao Parque de Aventura.

A visita de estudo tinha como principal objetivo assinalar o final do ano letivo e permitir que os alunos se divertissem e interagissem com todos toda a comunidade envolvente de forma diferente. Como os discentes que participavam nesta visita de estudo não eram nossos alunos, levou a que ficássemos a conhecer mais da comunidade escolar, não só professores de EF, como de professores de outras disciplinas e também os alunos.

A minha função nesta visita de estudo esteve relacionada com a organização e vigilância de alguns grupos de alunos, acompanhando-os em todas as atividades propostas na visita. Nestes momentos, foi possível interagir com todos os alunos, mesmo não sendo meus alunos e também com o restante da comunidade escolar lá presente. Outra das minhas funções foi de realizar uma aula de zumba para todos os alunos e professores presentes nesta visita de estudo. Esta ideia foi proposta pelo professor responsável pela visita de estudo, que teve conhecimento da aula de zumba que realizei conjuntamente com a PE Juliana Monteiro. Após falar com o professor e de me explicar o que ele realmente pretendia, aceitei o convite da aula de zumba. Através do ambiente festivo e fantástico vivenciado naquele dia foi possível unir toda a comunidade escolar ao desporto.

Penso que a visita de estudo decorreu de forma satisfatória, sem grandes incidentes e permitiu que tantos os alunos e professores se divertissem com as atividades. A visita terminou ao final da tarde e fico com a ideia de que permitiu-me interagir e conhecer um pouco melhor alguns professores da ESE. Todos os PE foram uns sortudos por terem participado neste dia maravilhoso e por ter presenciado momentos inesquecíveis.

4.7.3. Atividades realizadas “individualmente”

4.7.3.1. Acompanhamento da turma residente na peça de carnaval

Como já foi referido anteriormente, a minha turma residente é do curso de artes visuais e, como já é habitual todos os anos, eles participam na festa de carnaval realizada na ESE. Os discentes inscrevem-se num concurso de peças de carnaval, sendo que cada turma é responsável por criar o seu tema, os seus adereços da peça, as suas roupas e músicas. Posteriormente o júri da escola, que é constituído por professores, funcionários e alunos, elegem os vencedores do concurso.

Desde o início do 2º período, os discentes chegavam às aulas de EF e falavam com grande entusiasmo e motivação acerca desta peça que tinham que desenvolver. Sentia que este evento era muito importante para eles e pelo fato de estarem no 12º ano, seria a última vez que apresentavam todos juntos. Posteriormente, falei com o PC e concordamos em que eu poderia ajudá-los a desenvolver a peça para a festa de carnaval.

A minha intervenção nesta peça de carnaval, com os alunos do 12º ano, iniciou-se em janeiro e prolongou-se até aos finais de fevereiro. As conversas iniciadas com os discentes acerca do tema a abordar na peça, levaram-nos à Dança. Em conjunto, criamos uma peça de Dança em que estavam inseridas peças de arte como adereços, elaborados por eles, e também tentamos criar roupas para que eles próprios fizessem de peças de arte reconhecidas. Essencialmente, orientar os alunos para tomarem as melhores opções e também tentei criar os melhores passos de Dança que os favorecessem. A minha vontade de dar a conhecer o outro lado da Dança foi posta em prática nestes momentos e foi gratificante observar o resultado final.

Todos os alunos estiveram muito bem e mostram um comportamento exemplar, e momentos de magníficos foram vivenciados nesta peça de carnaval. Estas atividades extracurriculares são muito enriquecedoras, contribuindo para o desenvolvimento social dos alunos.

4.7.3.2. Torneios Desportivos – Professores Estagiários vs. Alunos 12º

Ao longo do ano letivo procurei ter sempre uma atitude ativa na escola, não me focando apenas na lecionação de aulas. Este evento foi da minha responsabilidade e tive todo o apoio do PC para dar continuidade ao mesmo. Obviamente que não seria possível sem a participação e a boa disposição dos restantes PE. Foi no mês de março que iniciaram estes torneios desportivos e continuaram até ao final do 2º período.

Estes torneios realizaram-se no Pavilhão Gimnodesportivo da ESE e teve como objetivo desenvolver motivação e que experimentassem competências num ambiente desportivo diferente do que estão habituados. Outro dos motivos era integrar-me mais com os alunos e que eles ganhassem gosto pelo desporto.

Em relação à seleção das atividades, considerei importante que fosse do agrado de todos os alunos e por isso, foi da responsabilidade dos alunos decidirem as modalidades do torneio. Após um debate entre turma, decidiram jogar contra os PE a modalidade de Futebol, Badminton e Voleibol. Apesar do esforço que tive em escolher os melhores horários para termos o pavilhão só para nós, em criar um bom ambiente desportivo, de integrar os meus alunos com os restantes professores estagiários, senti que alguns dos alunos não deram muito valor. Alguns dos alunos não compareciam nos dias dos torneios e posteriormente, abordavam-me para pedir desculpa e que se tinham esquecido. Foi por estes motivos e por estas mentalidades que desenvolvi este torneio, mas não houve sucesso na concretização desse objetivo. Por outro lado, e também é importante salientar, que o torneio se desenvolveu sempre com os alunos que estavam presentes e que foram sempre assíduos.

Apesar de todos estes contratempos, o torneio foi muito agradável e os alunos que participaram adoraram a experiência. Da minha parte, senti que fiz os possíveis e impossíveis para que toda a turma aderisse ao evento e, não sendo possível ter concretizado esse objetivo, fiquei muito feliz pelo envolvimento excecional dos restantes alunos.

4.7.3.3. Dia Z – Dia do Zumba

Este evento foi idealizado por mim e pela PE Juliana Monteiro, com vista a ser realizado no sete de junho, no final do terceiro período. O “Dia Z” tinha como principal objetivo unir toda a comunidade escolar pelo desporto, neste caso pela dança. Ambas tinham o gosto de ensinar e da dança, e por essa razão decidimos unirmos para a realização deste evento na ESE.

Primeiramente, falamos com o PC acerca desta ideia na qual de imediato nos deu “carta branca” para avançar com o projeto. Em seguida, reunimos com o diretor da escola para explicar a nossa ideia e o que pretendíamos com este evento. Foi aceite e com agrado pelo diretor da escola. Posto isto, passamos a por a ideia deste evento em prática.

Começamos por nos reunir para decidir as horas e duração do evento, pois este evento era destinado para toda a comunidade escolar e pretendíamos que todos estivessem disponíveis. Depois tomámos decisões acerca das músicas, das coreografias, marcamos ensaios e fizemos um esboço do cartaz (anexo II) do evento que foi afixado na escola e nas salas dos professores. Fomos também entregando vários panfletos a todos os funcionários e professores que encontrávamos, para ter a certeza que sabiam da informação e da concretização do evento. Tanto eu como a PE Juliana tínhamos uma enorme vontade de realizar este evento e era evidente na forma como desenvolvemos e encarámos este desafio. Ensaíamos muitas, e muitas vezes para que tudo fosse perfeito, ou quase perfeito. E o dia do evento chegou.

Este evento iniciou um pouco mais tarde do que estava planeado, pois tentámos esperar pelo maior número de pessoas. Sinto-me muito contente pela forma como o evento foi realizado e pelo número participantes, pois não contava com tantas pessoas. Contudo, ainda sinto que a maioria das pessoas prefere não se envolver em atividades sociais, muito menos em atividades desportivas. A adesão e a festividade que as pessoas demonstraram neste dia foi fundamental para o sucesso do mesmo. Após o término deste evento tive uma pequena conversa com o diretor da escola, que nos felicitou pela boa ideia do evento. Sem dúvida, que o objetivo do evento foi realizado, aproximando e interagindo com toda a comunidade escolar e proporcionar um dia diferente e divertido.

5- DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

5.1 - As dimensões da didática na leção de aulas de Educação Física ao 2º Ciclo

"O grande objetivo político do sistema de formação de professores é que esta contribua para uma melhoria da qualidade de ensino e das aprendizagens dos alunos. Esta melhoria deve provir da contínua capacitação profissional dos professores ao longo da vida, para que possam atuar, sempre numa atitude reflexiva e investigativa, como profissionais da mudança, capazes de gerir uma escola autónoma e respetivo território educativo onde interagem"

(Campos, cit. por Mesquita, 2013).

5.1.1 - Resumo

A necessidade de desenvolver uma boa aula e de contribuir para uma melhoria da qualidade do processo de aprendizagem dos alunos deve ser planeada e refletida pelos profissionais da docência. O presente estudo tem como principal objetivo perceber qual a dimensão da didática que professores competentes e PE consideram mais relevante e as estratégias utilizadas por cada um desses grupos.

Palavras-chave: 2º CICLO, PROFESSORES COMPETENTES, PROFESSORES ESTAGIÁRIOS, DIDÁTICA, EDUCAÇÃO FÍSICA

5.1.2 – Introdução

"As identidades profissionais dos professores – quem são, a imagem que têm de si próprios, os sentidos que atribuem ao seu trabalho e a si próprios enquanto professores e os significados que os outros lhes atribuem – dependem de uma diversidade de fatores: da forma como se relacionam com seus alunos, da disciplina que ensinam, dos papéis que desempenham, dos contextos em que trabalham, do quadro social e cultural mais amplo em que o ensino se inscreve, etc."

A formação de professores apresenta uma complexidade da atividade prática, conduzindo a caminhos difíceis de percorrer. Segundo Batista e Queirós (2013), *“a prática de ensino oferece aos futuros professores a oportunidade de imergirem na cultura escolar nas suas mais diversas componentes, desde as suas normas e valores, aos seus hábitos, costumes e práticas, que comprometem o sentir, o pensar e o agir daquela comunidade específica”*. Muitos autores defendem que nos primeiros anos de atividade profissional, os futuros professores enfrentam o “choque da realidade”. No entanto, cabe ao profissional vislumbrar o caminho mais aliciante de forma a ultrapassar as suas dificuldades.

Segundo Estrela (1991), *“a formação inicial é, por excelência, o período de iniciação do futuro profissional. É um momento descrito por sentimentos contraditórios, onde se incorporam as representações pré-existentes do que é ser-se professor e a realidade que se observa diretamente.”* Identifico-me bastante com esta descrição da formação inicial de professores. Não foi fácil começar a lecionar aulas num terreno pedagógico desconhecido, num ambiente diferente e repleto de sentimentos antinómicos. A experiência prática foi fundamental para perceber que cada contexto escolar é diferente e que as condicionantes escolares podem influenciar as minhas perceções pedagógicas.

A experiência prática de ensino em contexto real é reconhecida na literatura como uma das componentes mais importantes nos processos de formação inicial de professores. Sem dúvida que é neste percurso profissional que imergimos em problemas, questões e dúvidas. É essencial não ficar à espera da resposta e da solução, tentando reagir às nossas incertezas através da busca de informação que nos permita adquirir mais conhecimento.

Ao longo do EP tive dificuldade em lecionar as aulas aos alunos do 2º ciclo, isto porque os discentes apresentavam uma falta de organização, de autonomia e acima de tudo, era uma turma muito indisciplinada. Aliado a estas questões, tinha o facto de estar no meu período de iniciação do futuro profissional, o momento que é descrito por sentimentos contraditórios. Oliveira (2002, p. 31) pressupõe *“que os comportamentos dos professores são influenciados pelas decisões de organizações e gestão do ensino (o mesmo se*

passa perante a disciplina), bem como pela experiência docente, e ainda pelos momentos do ano em que decorre a prática.”

Inicialmente, o “choque” que presenciei ao lecionar esta turma levou-me a dúvidas sobre o que fazer e ao que dar mais valor nas aulas do 2º ciclo. Ao analisar a literatura, no que se refere à formação inicial na disciplina de Educação Física, Fernandez Balboa (1991) verificou que *“os formandos tinham muitas dúvidas acerca do que deviam fazer relativamente aos comportamentos de indisciplina dos alunos ou quão efetivas eram as suas ações.”*

Os PE são constantemente observados e colocados à prova, na sua capacidade de criar uma boa aula e de manter uma dinâmica, mas o “choque da realidade” é ainda um obstáculo à vista. *“O stresse assim provocado e a falta de maleabilidade e de sistematicidade de regras e rotinas explicam a propensão para adotar comportamentos extremos e inconsequentes, ora para contemporizar com comportamentos inaceitáveis dos alunos, ora para impor castigos desajustados sobre comportamentos de indisciplina triviais”* (Fink & Siedentop, 1989). Também Oliveira (2002) nos alerta que a aula é um espaço público onde os múltiplos acontecimentos são observados e julgados por muitos alunos, incluindo os comportamentos e decisões do professor: *“Quando o professor não nota que um aluno esta a desrespeitar qualquer regra, quando repreende um aluno que está inocente, a classe tira ilações da atuação do professor, da sua competência, consistência, justiça, e isso pode gerar um mau comportamento geral da turma ou de determinados alunos.”* (Oliveira, 2002, p. 61). Nos primeiros momentos de atividade profissional estava mais preocupada com a aprendizagem das habilidades motoras, no entanto, *“a organização da aula e a disciplina deverão também merecer a atenção da formação inicial, reforçando a ideia de que, desde os primeiros anos nos programas de formação inicial, se faça a incorporação de estratégias específicas de gestão para lidar com comportamentos agressivos e não participativos”* (Oliveira, 2002, p. 74).

“Paralelamente, existe a crença generalizada que é nos contextos de ensino reais, em contacto diário com professores experientes, que os futuros professores apreendem a generalidade dos elementos que perfazem a atividade do professor” (Keay, 2007). Isto parte do pressuposto que, as aprendizagens profissionais são adquiridas de forma mais eficiente quando situadas num

ambiente propício e em colaboração com profissionais mais experientes e, acima de tudo, competentes.

Segundo Lück (2009), *“competência é o conjunto sistêmico de padrões mínimos necessários para o bom desempenho das responsabilidades que caracterizam determinado tipo de atividade profissional. Em relação à pessoa, constitui na capacidade de executar uma ação específica ou dar conta de uma responsabilidade específica em um nível de execução suficiente para alcançar os efeitos pretendidos.”* Por isso, o papel do professor competente está, fundamentalmente, relacionado com as suas capacidades e atitudes. Estas atitudes, reflexiva e investigativas, deverão fazer parte do processo de formação de professores. Podemos considerar que, quando os métodos que utilizamos para ensinar os nossos alunos estão a conceber bons resultados, poderão ser características de um professor competente.

É necessário fornecer aos futuros profissionais não apenas conhecimentos e habilidades, mas, capacidades para mobilizar estas componentes face às situações concretas com que se vão deparar profissionalmente. Será que tanto os professores estagiários como os professores experientes têm perceções semelhantes relativamente à lecionação das aulas educação física?

Segundo uma revisão de estudos realizada por Veenman (cit. por Oliveira, 2002, p. 61), *“(...) os professores principiantes e os professores experientes, ainda que tenham preocupações comuns, elas aparecem focadas de forma bem diferentes. A preocupação prioritária da maioria dos professores sem experiência centra-se nos problemas disciplinares. Para os professores mais experientes, esta preocupação aparece apenas em quarto lugar.”* Mas será que, na atualidade, estas são as preocupações dos professores?

O presente estudo tem como principal objetivo perceber qual a dimensão da didática que professores competentes e PE consideram mais relevante e as estratégias utilizadas por cada um desses grupos. No que diz respeito as dimensões da didática, e adotando as definições de Siedentop (1976), consideramos a **instrução** do domínio do ensino e inclui toda a atividade relacionado com o ato de ensinar; a **disciplina** que se relaciona com o domínio do controlo e regulação de todo o processo de ensino-aprendizagem; o **clima** que é o domínio do ambiente/ envolvimento criado e vivenciado em todo o

processo de ensino-aprendizagem e, por ultimo, a **gestão** que está associada ao domínio da organização e coordenação de todo o processo ensino-aprendizagem.

5.1.3 - Metodologia

Este estudo foi realizado num agrupamento de escola do distrito do Porto, e considerando as questões e objetivos propostos recorreu a uma metodologia do âmbito qualitativo, com a realização de entrevistas individuais (anexo III e IV) a professores competentes e professores em formação inicial (estudantes estagiários em EP) cujo tema centrava-se na lecionação das aulas de EF de 2º Ciclo do Ensino Básico.

A amostra é composta por 7 docentes pertencentes a um agrupamento do distrito do Porto, sendo que cinco eram estudantes estagiários que estão a iniciar a sua formação inicial (em EP) e dois eram professores cuja competência era reconhecida pelos seus pares (outros profissionais). Três elementos da amostra são do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Trata-se de uma amostra criteriosa, composta por estudantes estagiários e professores reconhecidos como competentes pelos seus pares do agrupamento, especificamente na lecionação da disciplina de EF ao 2º ciclo do Ensino Básico. De acordo com a metodologia utilizada neste estudo, não foi efetuada qualquer observação e avaliação do comportamento do professor durante a sua relação pedagógica. Os professores competentes deste estudo foram escolhidos baseados nas apreciações de colegas (pares) sobre as suas atuações profissionais: “é dos melhores professores do 2º ciclo que temos nesta escola” e “é um profissional bastante competente”.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais a todos os elementos da amostra após a obtenção do consentimento informado e autorização para a gravação áudio da entrevista de cada participante. A entrevista era composta por questões abertas no sentido de possibilitar respostas detalhadas relativamente às experiências, perceções e opiniões dos entrevistados. As respostas foram gravadas em áudio e transcritas posteriormente. Para a realização desta entrevista semiestruturada foi realizado um esquema prévio (guião), no entanto, os temas da entrevista foram abordados

aleatoriamente. A entrevista foi realizada num espaço calmo, com um ambiente relaxado e os entrevistados foram previamente informados para a colaboração deste estudo.

Para tratar a informação procedeu-se a uma análise de conteúdo que permitiu chegar a uma categorização com base no proposto por Bardin (2004). Deste modo, foi possível condensar a informação para facilitar a sua interpretação e promover resultados mais claros. Foram definidas categorias à priori considerando as dimensões da Didática apresentadas por (Siedentop, 1976, p. 41, 61, 77, 97): a **gestão** “*A prevenção da gestão da classe refere-se às estratégias proactivas que os professores usam para desenvolver e manter um clima de classe positivo, previsível e orientado a tarefas, no qual é dedicado o tempo mínimo a tarefas de gestão e, por conseguinte, o tempo opcional está disponível para tarefas de instrução. São ensinadas rotinas para a realização de tarefas gerenciais, e os alunos recebem oportunidades suficientes para praticá-las. (...) O sistema de tarefas de gestão estabelece as estruturas através das quais a classe de educação física se torna um sistema previsível e suavemente operacional. O sistema de tarefas de gestão estabelece os limites para o comportamento dos estudantes; os alunos sabem quais são as tarefas de gestão, como e quando devem desempenhá-las.*”, a **disciplina** “*A disciplina consiste em desenvolver e manter comportamentos adequados entre professores e os seus alunos e, de igual forma, entre os alunos. Isto inclui, como objetivo básico de um programa de disciplina, a ausência de certos comportamentos que ameaçam a natureza pacífica, cooperativa e produtiva de uma classe.*”, a **instrução** “*As habilidades não podem ser aplicadas mecanicamente, sem referência ao contexto específico de como um grupo de alunos (uma classe) e uma atividade particular (o assunto) interagem com outros fatores como, o tempo, o equipamento, a hora do dia, como uma sessão de uma classe se encaixa numa unidade (...) as tarefas de gestão e de instrução começam como tarefas declaradas em que o professor geralmente as descreve verbalmente.* e o **clima** “*O clima das aulas e os relacionamentos com os nossos alunos podem ser caracterizados por conformidade, cooperação ou comunidade. Quando os alunos cooperam ativamente nas regras e na implementação de procedimentos da classe, o clima das aulas melhora, e o desempenho dos alunos provavelmente melhorará*”.

5.1.4 - Apresentação e discussão dos resultados

1. Caracterização dos grupos de estudo

De modo a caracterizar e a compreender melhor a amostra escolhida para a realização deste estudo foi aplicado na mesma entrevista questões com o objetivo de recolher dados sobre a formação académica e profissional. É importante perceber que experiências letivas tiveram tanto os PE como os professores competentes com os alunos do 2º ciclo, ou mesmo com crianças da mesma faixa etária, pelo que entendi que o conhecimento destas informações serem pertinentes para iniciar este estudo.

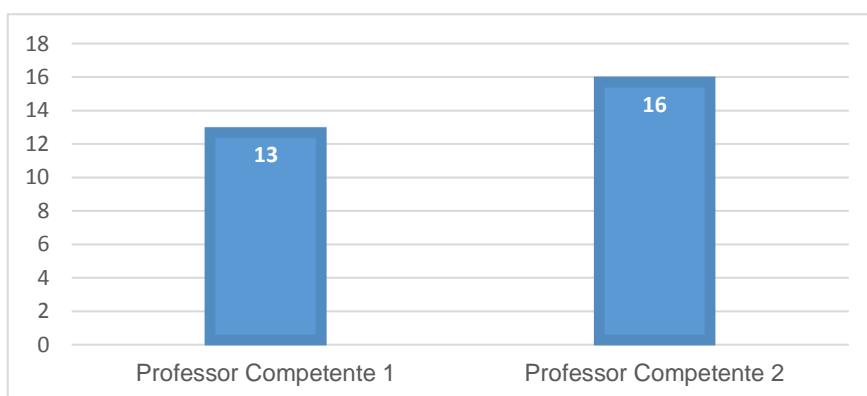


Figura 1 – Tempo (em anos) de lecionação de EF ao 2º ciclo dos professores competentes

Os professores competentes apresentam vários anos de prática profissional neste nível de ensino (ver Fig.1). Esta informação é fundamental pois conseguimos perceber que estes professores já estão habituados com esta realidade de ensino e que percebem bem as dinâmicas de sala de aula mais favoráveis a estes alunos.

A maioria dos PE já teve contacto ou alguma experiência com alunos desta faixa etária (60%), tendo sido em situações como treinadores e em monitores de férias desportivas (ver Fig.2). Contudo, alguns dos participantes (40%) até ao momento de mestrado não tiveram qualquer experiência relacionada com alunos desta faixa etária.

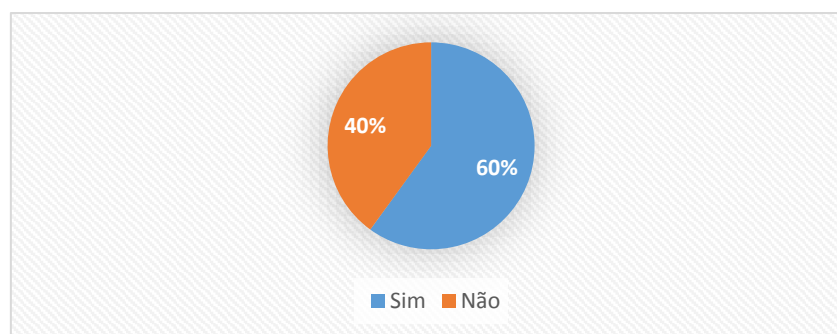


Figura 2 – Valores percentuais relativos à experiência dos PE com crianças da faixa etária dos alunos do 2º ciclo do EB

2. As Dimensões da didática – Professores Competentes

Com vista a recolher mais informações acerca das dimensões da didática, achei pertinente colocar a seguinte questão aos professores: “Na sua situação atual quando pensa nos alunos do 2º ciclo quais as palavras que imediatamente lhe vêm à cabeça?” Através destas palavras consegui perceber a ideia que cada professor competente tem acerca dos alunos e alunas do 2º ciclo. Ambos os professores expuseram palavras relacionadas com a disciplina da aula, como por exemplo, ordem, atenção, regras e motivação. Em modo de fundamentação às palavras utilizadas, um dos professores afirmou que *“eles confundem a EF com o brincar dentro do pavilhão. É verdade que esta disciplina lhes dá muita alegria e é sempre mencionada como a disciplina que eles mais preferem. E, por isso, ordem e atenção é o mais importante para fazermos um bom trabalho nas aulas de EF.”* Na mesma linha de pensamento, o outro professor competente afirma que *“as regras são fundamentais em todas as aulas de EF. Sem regras nada se consegue fazer. (...) nesta faixa etária eles estão sempre motivados e querem fazer muito, mas tem que ser sempre com regras para que tudo corra bem.”*

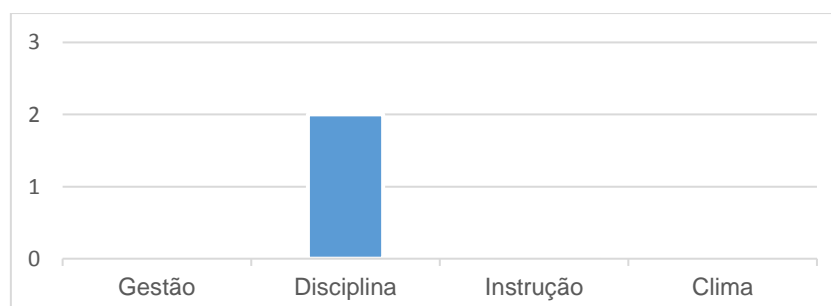


Figura 3 – Dimensões da didática consideradas mais relevante pelos Professores competentes

Na Figura 3, podemos observar a frequência de ocorrência das categorias de análise. À questão “Para um bom funcionamento das aulas de 2º ciclo o que considera mais importante: a questão da organização e gestão da aula, as questões disciplinares, o ambiente de aula ou a parte mesmo do ensino das habilidades? Porquê?” e mediante as palavras preferidas por ambos os professores competentes, já seria de esperar que a dimensão da didática que eles consideravam mais relevante para o bom funcionamento das aulas de EF seria a disciplina. De um modo geral, podemos considerar que a disciplina é fundamental na lecionação de aulas ao 2º ciclo. Exemplos disto são os excertos que se seguem proferido pelos participantes: *“Na atualidade nós precisamos de trabalhar com material de qualidade, e esse material são os alunos, a sua atenção e a sua disponibilidade.”*, *“Quando os alunos partem de um ponto de partida, de interesse, disponibilidade, motivação e de forma disciplinada, podemos depois mudar o nosso foco para as outras dimensões que também são fundamentais”*, *“Primeiro é a disciplina e depois é fundamental a organização da aula. Nós não podemos pensar no 5º e 6º ano com uma organização de aula e um comportamento como se eles fossem alunos autónomos.”*

Segundo uma revisão de estudos realizada por Veenman (cit. por Oliveira, 2002, p. 61), *“(...) A preocupação prioritária da maioria dos professores sem experiência centra-se nos problemas disciplinares. Para os professores mais experientes, esta preocupação aparece apenas em quarto lugar.”* No entanto, os resultados obtidos neste estudo afirmam que os professores competentes e, neste caso experientes, assumem como preocupação prioritária a disciplina da aula. Segundo Siedentop (1976, p. 79) *“A gestão e a disciplina criam a oportunidade de aprendizagem, mas o professor deve aproveitar as suas oportunidades e preenché-lo com boas experiências de instrução e aprendizagem, para que os objetivos de aprendizagem sejam realizados.”* Posto isto, é correto afirmar que para um ensino eficaz é fundamental uma boa disciplina e gestão de aula.

Por um lado, os resultados obtidos poderão estar associados ao objetivo do estudo, uma vez que este estudo se serviu apenas dos professores do 2º ciclo e não dos professores no geral. A análise deste nível de ensino em particular, pode remeter os professores a ver outras questões das aulas mais importantes,

tais como as questões disciplinares. Por outro lado, estes resultados podem apenas estar relacionados com o contexto escolar em que os professores se encontram. Podemos perceber isto numa resposta dada por um professor competente: *“No início da minha profissão dava mais valor às habilidades, ao aprender (...) tive a sorte de lecionar turmas mais organizadas e em que a disciplina não era difícil de impor, por isso a aprendizagem dos conteúdos era uma prioridade. (...) Com o evoluir dos anos evidencio que os alunos estão cada vez mais sem regras e indisciplinados e, conseqüentemente, é necessário trabalhar bem esta questão para que depois sejam trabalhados os conteúdos.”* Deste modo, o sentido das nossas escolhas nas aulas de EF está relacionado com os alunos e alunas, ou seja, perante o contexto em que cada professor se encontra inserido é que deverá perceber qual é a dimensão da didática mais importante para garantir um processo de aprendizagem eficaz.

3. As Dimensões da Didática – Professores Estagiários

No mesmo sentido das entrevistas dos professores competentes, também com os PE tentei recolher mais informações acerca das dimensões da didática. No que diz respeito às palavras que imediatamente lhes vinha à cabeça quando pensavam nos alunos do 2º ciclo, os PE exibiram palavras como por exemplo, desorganização, confusão, energia, desgaste, stresse e indisciplina. É de salientar que a palavra confusão foi referida pela maioria dos PE. Em modo de fundamentação às palavras utilizadas, um dos professores afirmou que a escolha da palavra energia deve-se ao facto de *“os alunos nestas idades serem muito ativos, muito despertos (...) e isso é bastante positivo, porque significa que estão entusiasmados com a prática”*, contudo, referiu também a palavra desgaste *“porque para nós, professores de EF, são aulas muito complicadas de controlar (...) controlar um aluno enérgico é fácil, mas controlar vinte e tal torna-se muito difícil.”* As palavras *confusão, desorganização e stresse* foram associadas pelos professores às questões de organização e gestão da aula. Estes são também os pensamentos e sentimentos que os PE relataram sobre os alunos do 2º ciclo. Exemplo disso são os excertos que se seguem: *“não estou habituado a lidar com jovens desta faixa etária e nestas aulas devido à natureza dos alunos deixavam-me em stresse”*, *“estar a trabalhar com uma turma do 2º*

ciclo com constantes comportamentos desadequados à sala de aula, leva em segundos à confusão de aula.”

A escolha destas palavras pode estar, exclusivamente, relacionada com a experiência que os PE estão a ter no decorrer do EP. A opinião que cada PE tem acerca dos alunos do 2º ciclo é quase sempre direcionada para os problemas que este encontra nas suas aulas e não para a caracterização mais pessoal dos alunos e alunas.

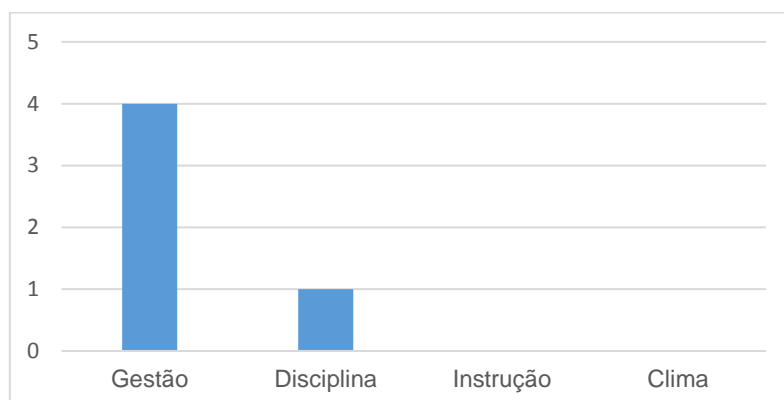


Figura 4 – Frequência das dimensões da didática consideradas mais relevante pelos PE

Na figura 4, podemos observar a frequência de ocorrência das categorias de análise. Mediante as respostas à questão *“Neste momento e mediante o contexto escolar, qual é a dimensão da didática (clima, gestão, instrução e disciplina) que considera mais importante para o bom funcionamento das suas aulas?”* podemos considerar que para os PE a gestão é a questão primordial na leção de aulas ao 2º ciclo. Por exemplo, um PE elegeu a gestão afirmando *“(…) mediante os comportamentos fora da tarefa e os comportamentos desadequados dos meus alunos, tento organizar e gerir melhor as minhas aulas para prevenir esses comportamentos. Este é o meu foco.”* Esta afirmação por parte de um PE leva-me a refletir sobre o que realmente é importante dar ênfase nestes casos. Se nestas aulas o grande problema são os comportamentos fora da tarefa é necessário incutir regras para que eles aprendam qual é o comportamento mais correto a ter nas aulas de EF. Por isso, a questão da disciplina seria uma dimensão da didática mais indicada, visto que tem como objetivo básico *“(…) a ausência de certos comportamentos que ameaçam a natureza pacífica, cooperativa e produtiva de uma classe”* (Siedentop, 1976). Mais excertos da entrevista relacionados com a gestão, *“a minha principal função*

enquanto professor é prepara e organizar as aulas para que os alunos não tenham momentos nem motivos de distração” e “sinto que não consigo controlar a turma se não organizar previamente as aulas, (...) para mim uma boa aula só é possível com uma boa organização.”

Relativamente à questão da disciplina, apenas um PE considerou-a como a dimensão da didática mais relevante para o bom funcionamento das aulas do 2º ciclo: *“nestes alunos não podemos estar só focados na atividade desportivo-motora, nós temos que cuidar da aprendizagem num sentido mais eclético da formação deles. (...) temos que ensinar o que são as regras, o respeito pelos outros, a cooperação, o trabalho em equipa e, sem dúvida, que tudo isto está relacionado com o respeito e a disciplina.”* Nas aulas do 2º ciclo a disciplina é muito importante e é um erro pensarmos que os alunos e alunas chegam às aulas de EF com um comportamento adequado aprendido. Tal como afirma Siedentop (1976, p.63), *“Alguns professores se basearam nos parentes para criarem as crianças de tal forma que elas chegavam à escola com os comportamentos corretos. Os professores assumem que as crianças aprenderam a prestar atenção, responder às instruções, respeitar a figura da autoridade e a tentar aprender nas aulas escolares. A verdade é que muitos professores passam mais tempo do que desejariam a ensinar as crianças a ter comportamentos básicos para serem bem-sucedidos na escola.”* Neste sentido, podemos afirmar que mediante o contexto atual dos jovens na escola esta é a questão da didática que merece destaque por parte dos professores de EF.

É de referir, novamente, que estes resultados podem apenas estar relacionados com o contexto escolar em que os professores se encontram inserido *“Antes de estar nesta experiência com os alunos do 2º ciclo pensei que iria dar mais atenção à aprendizagem dos conteúdos e não tanto à organização da aula. A maior parte da minha atenção é dirigida para a gestão e não para aquilo que os alunos estão a exercitar” e “não pensava que gerir e impor a disciplina no ambiente de sala de aula iria ser um dos grandes problemas da minha prática pedagógica. A minha ideia era que a instrução das habilidades seria o meu foco principal na lecionação de aulas ao 2º ciclo.”* Por outro lado, o facto de estes serem professores inexperientes no contacto com alunos desta faixa etária leva a que alguns problemas de gestão/ organização e de disciplina sejam agravados devido ao “choque da realidade”. Por essa razão, os resultados

obtidos podem estar relacionados com a dificuldade que cada professor sente nas suas aulas.

4. As estratégias utilizadas pelos grupos de estudo

O presente estudo para além de ter como principal objetivo perceber qual a dimensão da didática que professores competentes e PE consideram mais relevante na leção de EF no 2º ciclo do EB, também pretendia conhecer quais as estratégias utilizadas por cada um dos grupos de estudo. Para perceber e conhecer melhor essas estratégias que os professores utilizam para combater as dificuldades das aulas de EF foi colocada uma questão na entrevista: “Quais as estratégias que mais utiliza para garantir o bom funcionamento das aulas? E surtem o efeito desejado?”.

Relativamente às respostas dadas pelos professores competentes, foi evidente que são estratégias direcionadas para as questões disciplinares, como se pode confirmar nos excertos seguintes: *“No início da aula eles entram muito agitados e é fundamental que eles percebam que quando estão neste ambiente de sala de aula, a atitude deles deve mudar, por isso, primeiro tento que eles percebam algumas regras básicas como, entrar no pavilhão sem gritar e correr. É preciso demonstrar que essa atitude não é correta.”* e *“A parte da chamada é fundamental pois permite que eles estejam em silêncio e acalmem-se (...) aqui aproveito para transmitir aos alunos o que vou fazer na aula e tento despertar a atenção deles”*. No entanto, não descuidam as questões da organização da aula, afirmando ser fundamental os alunos perceberem que a aula está organizada *“faço eles perceberem que a aula está organizada e que há um trabalho a ser cumprido”* e *“desenvolver uma aula bem organizada e interessante ao aluno também é uma das principais estratégias para um bom funcionamento da aula, pois cativa de certa forma os alunos”*. Desta forma, podemos concluir que existe uma coerência entre a informação transmitida pelos professores sobre a questão da didática que consideram mais importante e as estratégias que utilizam. Ambos os professores competentes afirmaram que estas estratégias ajudam a manter um clima de aula positivo e a ser possível dar mais ênfase a outras questões da didática.

No que diz respeito às respostas dos PE, as estratégias estavam direcionadas para as questões disciplinares, mas principalmente para as

questões de gestão. A maioria dos PE evidencia como a principal estratégia o trabalho por grupos, *“faço muito o trabalho por grupo, faço uma divisão por níveis de aptidão dos alunos e é assim que trabalho com eles (...) para mim tudo o que seja trabalho global não funciona, porque eles estão em estados de desenvolvimento diferentes, ou seja, capacidades cognitivas e motoras diferentes”*, *“trabalho por grupos, grupos homogêneos permitindo que os alunos com mais dificuldades se juntem no mesmo grupo”* e *“organizo os alunos por grupos mais pequenos para não haver muitas confusões e tento não colocar os alunos que se dão melhor no mesmo grupo”*. Outra estratégia utilizada por um dos PE era realizar exercícios por comando, ou seja, não era dada nesta faixa etária qualquer autonomia aos alunos. Aliado às questões de gestão foram também mencionadas as questões disciplinares *“a questão da disciplina também vai ao encontro do trabalho por grupos, porque assim permite-me controlá-los melhor”* e *“tento organizar os exercícios para que não haja muitas distrações nem muito tempo de espera por parte dos alunos.”* Podemos verificar que a maioria dos PE utiliza mais estratégias de gestão e organização da aula. Em nenhum momento da entrevista foi mencionado estratégia para promover um bom clima de aula, estratégias de instrução e mesmo as estratégias da disciplina foram raramente mencionadas.

Em concordância com a revisão de estudos anteriormente referida, realizada por Veenman (cit. por Oliveira, 2002, p. 61), afirma que *“a preocupação prioritária da maioria dos professores sem experiência centra-se nos problemas disciplinares.”* No entanto, após a realização deste estudo é possível verificar que os PE se focam essencialmente nas questões da gestão da aula, sendo esta uma preocupação constante. Após a análise das respostas dos professores acerca das estratégias de ensino percebe-se que são bastante diversificadas, tentando de certa forma incrementar a concentração e a organização dos alunos nas aulas de EF. Não existe um método que funcione para todos os professores de EF, mas existem estratégias que são mais utilizadas e que os professores recorrem com mais facilidade.

5.1.5 – Limitações do Estudo

Neste estudo realizado evidencio algumas limitações, que caso não existissem poderiam tornar o estudo mais interessante e fiável.

Em primeiro lugar, a questão da amostra do estudo é claramente insuficiente para obter resultados fiáveis, principalmente no caso dos professores competentes. Neste caso poderia ter realizado esta entrevista a outros professores do 2º ciclo, de mais escolas do Distrito do Porto. Em segundo lugar, seria necessário realizar esta entrevista em contextos escolares diferentes para perceber se é devido a este fator que leva aos resultados obtidos, de modo a engrandecer a sua fiabilidade.

5.1.6 – Conclusões

Ao longo deste estudo procurava compreender um pouco melhor sobre a lecionação de aulas ao 2º ciclo, sobre a atuação e as opiniões do professor nestas aulas.

Através dos resultados obtidos neste estudo, concluo que os professores competentes no primeiro contacto que tem com os alunos do 2º ciclo focam-se prioritariamente nas questões disciplinares. Verifiquei que para estas questões disciplinares os professores apresentam muitas estratégias e que após estarem consolidadas o próprio clima e disposição dos alunos na aula é mais favorável a uma boa aprendizagem. No pensamento destes professores é necessário, em primeiro lugar, formar o aluno como pessoa e como cidadão para que eles consigam saber aprender.

Relativamente aos resultados dos PE verifico que dão maior relevância às questões de gestão. Apesar dos professores em formação inicial conseguirem detetar os problemas e dificuldades na lecionação destas aulas e de saberem qual é a dimensão da didática que devem aprimorar nas suas aulas, as estratégias que eles utilizam não surtem o efeito desejado e muitas vezes tendem a encontrar outros problemas mais graves. Deste modo, podemos afirmar que numa formação inicial todas estas dimensões da didática são fundamentais, não podendo descurar de nenhuma. Devemos é tentar encontrar uma estratégia que funcione para cada contexto escolar.

Foi assim, que ao longo do meu EP tentei abordar as aulas de EF ao 2º ciclo. A busca de novas estratégias e de novas regras fazia parte da minha rotina ao planejar estas aulas de EF. Sempre foi muito importante, demonstrar e transmitir quais os comportamentos mais corretos a ter num ambiente de sala de aula e qual a atitude correta a ter na EF, sendo que a partir do momento que as noções de regras, de respeito pelo professor e pelo colega começaram a fazer parte do vocabulário dos alunos e alunas, as aulas de EF tiveram um clima de aula agradável e mais orientado para as tarefas.

6- Conclusões e perspetivas futuras

Este relatório é o culminar não só de um ano de aprendizagem, mas também de vários anos de formação. E o tão esperado momento chegou!

É o momento de concluir mais um ciclo de formação, repleto de desafios e experiências. O EP foi uma experiência bastante enriquecedora, não só do ponto de vista profissional mas também pessoal. Sem dúvida que isto deve-se à relação que tive com os alunos, com o PC, com a professora orientadora, com os professores da ESE, com os funcionários da escola e, obviamente, com as minhas colegas de estágio.

O EP proporcionou-me realizar um sonho, o ser professora de EF, traduzindo-se num momento formativo deveras gratificante, com aprendizagens repletas de significado. O meu principal objetivo foi tentar corresponder às expectativas previamente definidas e ser o mais competente possível.

Os problemas e desafios com que fui confrontada ao longo desta experiência fizeram-me crescer enquanto profissional. Com o passar das aulas e das reuniões com o PC fui ganhando mais confiança e segurança nas minhas decisões e atitudes, e sentia-me cada vez mais uma professora. Muito deste meu crescimento também se deve à reflexão das aulas que fui desenvolvendo ao longo do EP, que me permitia perceber os meus erros, perceber o que tinha planeado e acabou por não funcionar nas aulas, adequar e planear melhor as aulas, sendo este um meio de excelência para encontrar novas estratégias e soluções para o sucesso das aprendizagens.

No sentido de perspetivar o futuro e sabendo que o meu desejo de ser professora ainda está distante em Portugal, pretendo aumentar o meu conhecimento em outras áreas do Desporto. No entanto, esta será sempre a minha paixão e pretendo fazer de tudo para conseguir ser novamente professora de EF. Sinto que é necessário continuar a investir na minha formação e acima de tudo, não desistir do meu sonho que um dia espero concretizar.

Em modo de conclusão, considero que se os professores foram profissionais e se preocuparem em prestar atenção às exigências dos alunos, a educação irá sempre prevalecer e ser capaz de formar cidadãos capazes de enfrentar a sociedade atual.

7- Referências Bibliográficas

- Almeida, J., Leandro T., & Batista P. (2013). Dilemas e dificuldades do estudante estagiário no decurso do estágio profissional. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.). *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física*. (pp. 207-223) Porto, FADEUP.
- Balboa, J. M. F. (1991). Beliefs, interactive thoughts, and actions of physical education students teachers regarding pupil misbehaviors. *Journal of teaching physical education*, 11 (1), 59-78.
- Bardin, L. (2004). *Análise do Conteúdo* (3ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Batista, P. & Queirós, P. (2013). O estágio profissional enquanto espaço de formação profissional. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds). *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física*. (pp. 33-52) Porto, Editora FADEUP.
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e avaliação em educação física* (3º ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Delors, J. (2003). *Educação: Um tesouro a Descobrir*. Editora Cortez.
- Fink, J. & Siedentop, D. (1989). *The Development of Routines Rules, and Expectations at the Star of the Scool Year*. *Journal of Theaching in Physical Education*. 8 (3), 198-212.
- Flores, M. A. (2014). Discursos do profissionalismo docente: paradoxos e alternativas conceptuais. *Revista Brasileira de Educação*, 19 (59), 851-869.
- Graça, A. & Mesquita, I. (2015). Modelos e concepções de ensino dos jogos desportivos. In F. Tavares (Eds). *Jogos Desportivos Coletivos Ensinar a Jogar* (2º Edição). (pp. 9-54) Porto, Editora FADEUP.

- Graça, A., & Mesquita, I. (2011). Ensino dos Jogos Desportivos: concepções, modelos e avaliação. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.). *Pedagogia do desporto* (p. 131-163). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Gelati, F. C. (2009) *A escola como instituição socialmente construída*. *Revista Roteiro*, 34 (1), 79-92.
- Keay, J. (2007). Learning from other teachers: gender influences. *European Physical Education Review*, 13(2), 209-27.
- Lück, H. (2009). *Dimensões da gestão escolar e suas competências*. Curitiba, Positivo.
- Matos, Z. (2016). *Normas orientadoras do Estágio Profissional do 2º ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Matos, Z. (2016). *Regulamento da Unidade Curricular Estágio Profissional do Ciclo De Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Mesquita, E. (2013). *Competências do Professor*. Lisboa. Edições Sílabo.
- Mesquita, I., Afonso, J., Coutinho, P. & Araújo, R. (2015). Modelo de abordagem progressiva ao jogo no ensino do voleibol: concepção, metodologia, estratégias pedagógicas e avaliação. In F. Tavares (Eds). *Jogos Desportivos Coletivos Ensinar a Jogar (2º Edição)*. (pp. 73-122) Porto, Editora FADEUP.

- Mesquita, I., & Graça, A. (2011). Modelos instrucionais no ensino do desporto. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.). *Pedagogia do desporto* (p. 39-68). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Nóvoa, A. (2009). *Para uma formação de professores construída dentro da profissão*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Nóvoa, A. (1992). Formação de professores e profissão docentes. In A. Novoa. *Os Professores e a sua formação* (15-33). Instituto de Inovação Educacional.
- Oliveira, M. T. M. (2002). *A indisciplina em aulas de Educação Física: Estudos das crenças e procedimentos dos professores relativamente aos comportamentos de indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física do 2º e 3º ciclos de ensino básico*. Viseu: Instituto Superior Politécnico de Viseu.
- Oliveira, M. & Graça, A. (2013). *Procedimentos dos Professores Relativamente aos Comportamentos de Indisciplina dos Alunos na Aula de Educação Física*. (p. 25-43). Millenium.
- Reina, M. (2013). Ser professor cooperante: em modo de despedida. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds). *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física*. (pp. 87-89) Porto, Editora FADEUP.
- Rodrigues, E. (2013). Ser professor: das funções aos significados. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds). *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física*. (pp. 93-104) Porto, Editora FADEUP.
- Roldão, M. (2007). *O Diretor de Turma e a Gestão Curricular*. Organização e administração educational. (pp. 3).
- Rosado, A., Dias, L., & Silva, C. (2002). Avaliação das aprendizagens em educação física e desporto. In A. Rosado & C. Colaço (Eds.), *Avaliação*

das aprendizagens: Fundamentos e aplicações no domínio das atividades físicas (pp. 11-90). Lisboa: Omniserviços, Representações e Serviços, Lda.

Sarmiento, P. (2004). *Pedagogia do Desporto e Observação*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

Sarmiento, P., Leça-Veiga, A., Rosado, A., Rodrigues, J., e Ferreira, V. (1993). *Pedagogia do Desporto: Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto*. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.

Shigunov, V., & Pereira, V. R. (1994). Os componentes de instrução no ensino geral e da educação física. In V. Shigunov & V. R. Pereira, *Pedagogia da Educação Física: o desporto Coletivo na escola: Os Componentes Afetivos* (p. 71-78). IBRASA: Instituição Brasileira de Difusão Cultural LTDA.

Siedentop, D. & Tannehill, D. (1999). *Developing Teaching Skills in Physical Education* (4º ed.). McGraw-Hill Companies Editora.

Torres, Leonor (2004). *Cultura Organizacional em Contexto Educativo. Sedimentos Culturais e Processos de Construção do Simbólico Numa Escola Secundária*. Braga: Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

Torres, L. (2008) *A escola como entreposto cultural: o cultural e o simbólico no desenvolvimento democrático da escola*. Revista Portuguesa de Educação, 21 (1), pp. 59-81.

Vickers, J. (1990). *Instructional design for Teaching Physical Activities – A Knowledge Structures Approach*. Champaign, Illinois: Human Kinetics.

Zenhas, A. (2006). *O papel do Diretor de Turma na Colaboração Escola-Família*.
Porto Editora.

8- Anexos

Anexo I – Cartaz Torneio de Duplas do GiraVolei





Anexo III – Guião da entrevista realizada aos professores competentes

Conteúdos	Objetivos	Guião da entrevista
<ul style="list-style-type: none"> - Objetivo da entrevista - valorização da opinião e experiência 	<p>. Informar acerca dos objetivos da entrevista e do contexto em que ela surge.</p>	<p>O propósito desta entrevista é perceber qual a dimensão da didática que professores competentes e professores estagiários consideram mais relevante e as estratégias utilizadas por cada um desses grupos. Face à experiência que tem na profissão docente, é para mim fundamental captar as suas opiniões, que resultam não só dos saberes mas também da experiência vivida ao longo dos anos em que exerce a sua profissão.</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Informação da forma de registo da entrevista - Garantia da confidencialidade - Criação de um clima aberto 	<p>. Informar que a entrevista vai ser objeto de gravação em áudio mas que o anonimato é inteiramente garantido.</p>	<p>A entrevista vai ser gravada (registo áudio); contudo todas as informações recolhidas são de carácter confidencial e em momento algum serão relacionadas com o entrevistado. No decorrer da entrevista, caso considere necessário algum esclarecimento, deve solicitá-lo.</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Agradecer a disponibilidade 	<p>. Agradecer a participação</p>	<p>Desde já agradeço a disponibilidade demonstrada.</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Idade - Anos de serviço - Anos de serviço na escola atual - Grau académico - Níveis de ensino que leciona - Anos de lecionação ao 2º ciclo 	<p>. Recolher dados sobre a formação académica e profissional.</p>	<p>Quais as suas habilitações académicas? (licenciatura, mestrado, doutoramento, outra) Qual a sua idade? Qual o tempo de serviço? Há quantos está nesta escola? Quais os níveis de ensino que leciona? Há quantos anos leciona aulas ao 2º ciclo?</p>

- Dimensões da didática	. Recolher informações acerca das dimensões da didática.	<p>Na sua situação atual quando pensa nos alunos do 2º ciclo quais as palavras que imediatamente lhe vêm à cabeça? Explique essas palavras.</p> <p>Para um bom funcionamento das aulas de 2º ciclo o que considera mais importante: a questão da organização e gestão da aula, as questões disciplinares, o ambiente de aula ou a parte mesmo do ensino das habilidades? Porquê?</p> <p>Ao longo da sua atividade profissional teve sempre esse pensamento? Porquê?</p>
- Estratégias utilizadas pelos professores	. Procurar perceber as estratégias que os professores utilizam para combater as dificuldades.	Quais as estratégias que mais utiliza para garantir o bom funcionamento das aulas? E surtem o efeito desejado?
- Pensar em colegas e procurar identificar as dimensões da didática que utilizam.	. Procurar referências de modelos de competência nas vivências como aluno e de colegas de profissão.	Pense nos professores que conhece ou conheceu como modelo(s) de professor competente na lecionação de aulas ao 2º ciclo. Qual é a dimensão da didática que entendes que esses professores consideravam mais importante? (não necessita de mencionar o nome(s), a opção é sua)
<p>- Reforço do agradecimento</p> <p>- Abertura para recolher mais informação</p>	. Agradecer a colaboração e dar oportunidade de mencionar algo mais.	Mais uma vez agradeço a sua colaboração. Neste momento que terminámos a entrevista, há algum aspeto que queira referir que se tenha esquecido de mencionado durante a entrevista?

Anexo IV – Guião da entrevista realizada aos PE

Conteúdos	Objetivos	Guião da entrevista
<ul style="list-style-type: none"> - Objetivo da entrevista - Valorização da opinião e experiência 	<p>. Informar acerca dos objetivos da entrevista e do contexto em que ela surge.</p>	<p>O propósito desta entrevista é perceber qual a dimensão da didática que professores competentes e professores estagiários consideram mais relevante e as estratégias utilizadas por cada um desses grupos.</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Informação da forma de registo da entrevista - Garantia da confidencialidade - Criação de um clima aberto 	<p>. Informar que a entrevista vai ser objeto de gravação em áudio mas que o anonimato é inteiramente garantido.</p>	<p>A entrevista vai ser gravada (registo áudio); contudo todas as informações recolhidas são de carácter confidencial e em momento algum serão relacionadas com o entrevistado. No decorrer da entrevista, caso considere necessário algum esclarecimento, deve solicitá-lo.</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Agradecer a disponibilidade 	<p>. Agradecer a participação</p>	<p>Desde já agradeço a disponibilidade demonstrada.</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Idade - Experiência na lecionação ao 2º ciclo 	<p>. Recolher dados sobre a formação académica e profissional.</p>	<p>Qual a sua idade? Já teve algum contato/ experiência com alunos desta faixa etária? Durante quanto tempo?</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Dimensões da didática 	<p>. Recolher informações acerca das dimensões da didática.</p>	<p>Na sua situação atual quando pensa nos alunos do 2º ciclo quais as palavras que imediatamente lhe vêm à cabeça? Explique essas palavras.</p> <p>Neste momento e mediante o contexto escolar, qual é a dimensão da didática (clima, gestão, instrução e disciplina) que considera</p>

		<p>mais importante para o bom funcionamento das suas aulas? Porquê?</p> <p>Antes de ter o primeiro contato com o 2º Ciclo tinha o mesmo pensamento que tem agora acerca de qual das dimensões da didática era mais importante nas aulas de Educação Física? Porquê?</p>
- Estratégias utilizadas pelos professores	. Procurar perceber as estratégias que os professores utilizam para combater as dificuldades.	Quais as estratégias que mais utiliza para garantir o bom funcionamento das aulas? E surtem o efeito desejado?
- Pensar em colegas e procurar identificar as dimensões da didática que utilizam.	. Procurar referências de modelos de competência nas vivências como aluno e de colegas de profissão.	Pense nos professores que conhece ou conheceu como modelo(s) de professor competente na leção de aulas ao 2º ciclo. Qual é a dimensão da didática que esses professores consideravam mais importante? (não necessita de mencionar o nome(s), a opção é sua)
<p>- Reforço do agradecimento</p> <p>- Abertura para recolher mais informação</p>	. Agradecer a colaboração e dar oportunidade de mencionar algo mais.	Mais uma vez agradeço a sua colaboração. Neste momento que terminámos a entrevista, há algum aspeto que queira referir que se tenha esquecido de mencionar durante a entrevista?